

## Partido Comunista para o novo tempo

*Leninista e ousado, um partido para as necessidades contemporâneas*



Renato Rabelo na abertura do 1º Encontro Nacional sobre Questões de Partido

### PCdoB na TV, dia 25 de março

No dia de seu aniversário, o Partido apresentará programa nacional no rádio e na TV. Integrante do governo Lula, o PCdoB fará também um breve histórico de seus 82 anos de existência. 25 de março, 20 horas nas emissoras de rádio, 20h30 na TV.

Há uma frase de Goethe que Lênin costumava repetir: a teoria é cinza, e verde é a árvore da vida. Outra preferida do dirigente bolchevique, de Engels, dizia que nossa teoria não é um dogma, mas um guia para a ação.

São afirmações que definem o espírito leninista. E também o ânimo que move o Partido Comunista do Brasil e o levou ao seu 1º Encontro Nacional sobre Questões de Partido, realizado nos dias 5 a 7 de março, em Brasília — uma reunião que, como lembrou Renato Rabelo, teve a envergadura de uma conferência, pelo número de representantes partidários envolvidos e dos encontros estaduais realizados.

O PCdoB é um partido leninista, e continuará sendo. Completa agora um processo de mudança iniciado no 8º Congresso, de 1992, e reafirmado nos congressos e conferências ao longo das décadas de 1990 e começo da década de 2000.

Leninista, a inspiração dominante era aquela definida em *Que fazer?*, de 1902, que fixava o modelo de partido e de organização adequados à situação de pesada clandestinidade em que a perseguição policial criava difíceis condições para a construção partidária. Condições semelhantes às vividas pelo PCdoB ao longo de praticamente toda sua história.

Os comunistas brasileiros estão às vés-

peras de completar vinte anos da legalidade alcançada em 1985. É uma situação inédita, em que o Partido cresceu como nunca, fortaleceu suas fileiras — na contramão da crise que assolou inúmeras organizações depois da queda da URSS e do fracasso do socialismo no Leste europeu. O Partido aumentou seu protagonismo político e é o signo veemente da mudança democrática representada pela eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a Presidência da República: além de sua bancada na Câmara dos Deputados, da bancada de deputados estaduais, de vereadores e de prefeitos e, pela primeira vez, no próprio governo federal, com dois ministérios. Além da presença marcante no movimento social e na luta sindical, o PCdoB vê multiplicar sua fileiras militantes numa nova etapa histórica, que impõe mudanças em sua organização. Como fez Lênin que, com sua genial dialética política, compreendeu — em 1905 — que as condições de desenvolvimento do partido haviam mudado radicalmente, e alterando a própria forma de organização partidária. Situação que impunha ousadia, muita ousadia, para ir às massas, incorporá-las ao contingente comunista, dizia ele.

O PCdoB, dentro do espírito leninista, atende com ousadia às necessidades históricas contemporâneas, sendo um Partido Comunista de massas e com feição brasileira para o novo tempo.

#### EDITORIAL

### Argentina contra FMI: em busca de um novo rumo

Depois de um braço de ferro prolongado, o governo do presidente Nestor Kirchner, da Argentina, e o Fundo Monetário Internacional finalmente chegaram, no dia 9, a um acordo sobre o pagamento da dívida externa e a renovação do acordo do país com aquela instituição financeira.

Em sua superfície, a disputa envolvia o pagamento de parcela de 3,1 milhões de dólares da dívida do país com o Fundo, que venceu naquele dia, e que o governo argentino concordou em pagar.

Envolvia também, ainda na superfície aparente do problema, o destino da terceira maior dívida que uma nação tem com o FMI, o destino do próprio Fundo que, com o não pagamento, ficaria, ele próprio, em situação difícil.

Mas pode haver mais que isso. Na véspera do acordo, as previsões eram de que a Argentina não pagaria aquela parcela. Com o apoio de 55% da opinião pública, Kirchner dizia que seu governo não comprometeria as reservas internacionais do país “sem uma garantia de que o FMI cumprirá sua parte. Estamos cumprindo a nossa parte porque todas as metas foram atingidas mas queremos

nos pressionar para atender interesses de outros credores”. No dia anterior, ele já havia declarado que “está tudo dito”, indicando a pouca disposição de seu país submeter-se às pressões do Fundo.

A Argentina está praticamente inadimplente desde a crise que depôs o governo De La Rúa, em dezembro de 2001. Até então, ela havia sido o país latino-americano mais fiel ao receituário neoliberal. Com a eleição de Nestor Kirchner, o país começou a criar as condições para sua própria transição para um novo rumo de desenvolvimento. E, nas condições argentinas — de uma crise econômica e social profunda, que deixou mais de 50% da população abaixo da linha de pobreza — a resposta foi dura para os credores internacionais: só aceitava pagar 25% da dívida externa com credores privados, aqueles que se locupletaram no período da farra neoliberal. São quase 90 bilhões de dólares, sem considerar os juros vencidos desde 2001 e que os credores querem cobrar.

O FMI pressiona para que o governo faça uma proposta que os credores considerem mais aceitável, e também quer a criação de um comitê de bancos para negociar com o governo Kirchner. Ao final, a

Argentina acabou concordando com isso, e com um superávit primário de 3% do PIB (no acordo com o Brasil, é de 4,25%). Em contrapartida, o FMI desistiu de exigir que o comitê de bancos comandasse a reestruturação da dívida argentina.

Abaixo da superfície, vários fatores estiveram envolvidos. Um deles é o “mau exemplo” que o não pagamento da parcela vencida poderia ser para os demais países da região. Outro são os interesses eleitorais do presidente Bush que, segundo analistas, teria pressionado o Fundo para chegar a um acordo para evitar mais tensão na região no ano em que disputa a permanência no cargo.

Os argentinos negociaram soberanamente sua dívida, e há um mérito nisso. Tiveram que ceder, pois a correlação de forças ainda favorece o grande capital. Mas marcaram pontos. Demonstraram firmeza frente às bravatas do Fundo e dos analistas ligados à banca internacional e conseguiram, tudo indica, condições melhores do que os credores pretendiam oferecer. Vão, assim, buscando seu próprio rumo pelo crescimento econômico e de mais empregos para os argentinos.

#### Encarte especial

Leia nesta edição a íntegra dos documentos aprovados no 1º Encontro Nacional sobre Questões de Partido, realizado em Brasília, de 5 a 7 de março.

#### Guerrilha do Araguaia

Ex-militares que participaram da ocultação dos corpos colaboram para ajudar a esclarecer o que aconteceu com os guerrilheiros

Página 8

#### Mais marxismo, mais Brasil

Encontro dos professores do PCdoB define os Núcleos de Ensino e Pesquisa da Escola

Página 10

#### O rosto feminino da pobreza

Estudo mostra seu agravamento na década de 90

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Página 12

PCdoB/DF

# Apolinário é o novo presidente

Ele assume a função de Fredo Ebling, que foi para a assessoria de Aldo Rebelo

MARCOS VERLAINE, DE BRASÍLIA

Atendendo a um pedido de Fredo Ebling, a direção do PCdoB/DF aceitou substituí-lo na presidência do Partido; o novo presidente é o jornalista Apolinário Rebelo. O pedido de Fredo decorre de suas novas tarefas no governo federal, onde ele é um dos assessores de Aldo Rebelo, ministro da Coordenação Política.

A modificação na direção foi aprovada por unanimidade pela Comissão Política Regional. Na reunião, Fredo explicou a incompatibilidade de sua nova tarefa com o exercício da presidência do Partido no Distrito Federal. "Depois de conversas com o presidente nacional do PCdoB, Renato Rabelo, achei mais adequado não acumular a tarefa no Partido com a no Executivo federal". Ele permanece na Comissão Política, mas sem funções no Secretariado.

A proposta de substituição, antes de encaminhada para discussão no âmbito da Direção Regional, foi debatida na Comissão Política, numa reunião que teve a presença do Secretário Nacional de Organização, Walter Sorrentino, que aprovou o nome de

Apolinário de forma unânime. O novo presidente do Partido vai acumular as tarefas de Secretário Político e de Juventude.

## Tarefa coletiva

Na ocasião, Apolinário destacou que "a tarefa de dirigir o Partido é coletiva". Disse que o Partido "precisa dar um salto de qualidade em sua ação, elaborando um projeto estratégico para o debate político no Distrito Federal".

"Precisamos construir esse projeto para romper a falsa polarização que há algum tempo toma conta da política em Brasília", enfatizou. Para tanto, o Partido vai organizar um seminário amplo, cujo objetivo é debater o desenvolvimento desse projeto estratégico. "Vamos debater com a intelectualidade, os trabalhadores, a juventude, os empresários, para conhecer melhor o Distrito Federal e poder formular políticas realistas para a cidade", destacou Rebelo.

Apolinário já foi membro das direções estaduais do Partido em São Paulo e Goiás, presidiu a Ubes (União Brasileira de



Apolinário Rebelo, PCdoB/DF

Estudantes Secundaristas) e foi coordenador nacional da UJS (União da Juventude Socialista). Mesmo com toda esta experiência, disse, "esta nova tarefa me dá um frio na barriga, porque é muita responsabilidade; espero desempenhá-la da melhor forma possível".

PCdoB/MG

# A juventude na construção do Partido

LUCIANA BENTO, DE BRASÍLIA

Além da participação em entidades estudantis, organização de passeatas e manifestações, disputa de eleições e presença em atividades de massa, a juventude comunista mineira tem se destacado em outra frente importante: a construção do PCdoB em cidades do interior do Estado.

Um exemplo concreto desta atuação se dá em Poços de Caldas, importante cidade do sul do Estado, onde o Comitê Municipal do PCdoB foi criado a partir do trabalho da



Kérison Lopes, secretário mineiro de Juventude

União da Juventude Socialista. "Em Poços de Caldas o processo se inverteu: primeiro foi criada a UJS e só depois, a partir do trabalho da juventude, que procurou sindicalistas da cidade e apresentaram o Partido a eles, é que conseguimos montar nosso Comitê Municipal", conta o secretário estadual de Juventude Kérison Lopes.

A presença destacada da jovem militância também se dá em outras cidades de Minas Gerais: Alfenas, Uberaba, Juiz de Fora, Governador Valadares, Coronel Fabriciano, Teófilo Otoni, Viçosa, Contagem e Nova Lima são exemplos de municípios onde a juventude participa da direção ou terá candidatos a vereador nas eleições de outubro.

Todo este espaço, porém, não é por acaso, garante o secretário estadual de Organização do estado, José Zito Vieira Filho. Para ele, o destaque do trabalho da juventude para a construção e consolidação do Partido em Minas vem de uma decisão política do Comitê Estadual.

"Apostamos na renovação dos quadros, reconhecendo o papel fundamental que a juventude joga hoje: é um setor dinâmico, formador de opinião, com capacidade de mobilização. Não há dúvidas de que tivemos um ganho qualitativo em nosso trabalho e estamos conseguindo sair da mera disputa por entidades para atuar no curso da luta política geral", avalia Zito.

Como não poderia deixar de ser, a presença da juventude do PCdoB em várias cidades de Minas se dá majoritariamente via entidades estudantis. Mas a atuação da juventude tem se diversificado e ganha força em outras áreas. Um exemplo é o núcleo de jovens trabalhadores da UJS de Betim, cidade com forte vocação operária, onde está instalada a fábrica da Fiat, entre outras empresas importantes.

"Com a atuação dos jovens sindicalistas de Betim e os militantes que atuam nos sindicatos dos professores das redes pública e particular, já conseguimos participar, de forma mais organizada, da Central Única dos Trabalhadores de Minas", explica Kérison.

Entretanto, os dirigentes mineiros são unânimes ao destacar o "segredo" da maior compreensão do papel que a juventude pode jogar na construção do Partido: a formação política e teórica.

"A juventude é diversificada por natureza. Por isso, temos que utilizar todas as nossas armas e linguagens para formar nossos quadros: cultura, esporte, hip hop. Também não podemos abrir mão de cursos e debates, mas isto não precisa ser feito de uma forma chata. É preciso encontrar formas atrativas de trazer e manter os jovens no Partido", diz Kérison.

CARTAS

**Aldo no Roda Viva** - Assisti ao programa Roda Viva (08/03) com Aldo Rebelo e gostei muito de ver nosso ministro falando e explicando aos jornalistas como se encontra o governo. Percebi que alguns jornalistas tentavam inutilmente nos colocar em saia justa, mas Aldo com sua sabedoria dava as respostas merecidas. Parabéns ao Aldo pela entrevista.

**Miguelina S. Spanbol** - Florianópolis / SC  
**Cobranças** - Todo mundo está cobrando uma mudança no governo Lula, mas por que não cobraram assim o FHC? Agora que chegou a vez dos partidos da esquerda, sempre tem algum neo liberalista querendo envenenar a cabeça das pessoas com mentiras. **Kauana** - Curitiba / PR

**Dia Internacional da Mulher** - Parabéns às mulheres do Brasil inteiro pela passagem do Dia Internacional da Mulher. A sensibilidade feminina é que tem feito as mulheres ocupar os lugares de destaque na sociedade. **Severino Melo** - Caruaru / PE.

**Heróis da Pátria** - Quem não olha para seu passado não tem futuro. O resgate dessa parte da história do Brasil é muito importante neste momento, vamos enterrar nossos verdadeiros heróis com honra (porque não como heróis da Pátria, com as devidas homenagens que merecem?). Provoca um profundo impacto saber que suas mortes não foram em vão, que não foram esquecidos em um lugar qualquer do Brasil, enterrados de qualquer maneira. Para suas famílias e para nossos queridos camaradinhos comunistas é um consolo e alento muito grande. Traz para o PCdoB a imagem de dignidade que ele tanto merece. A luta continua? Sempre, hasta-la victoria (que se vislumbra não muito distante companheirada!). **June** - Florianópolis / SC

AGENDA

Março

1 a 14/03

Plenárias massivas de militantes sociais nos estados convocadas pela CMS

13

Reunião da Comissão Política (sede do PCdoB Nacional - SP)

20 e 21

Reunião do Comitê Central (sede do PCdoB Nacional - SP)

25

Palestra "Guerrilha do Araguaia: Uma Epopéia pela Liberdade" (Câmara Municipal de Açailândia - MA)

25

Cadeia Nacional de TV e rádio do PCdoB (TV às 20h30 e rádio 20h).

Inauguração da sucursal d'A Classe Operária em Recife, Pernambuco. No Comitê Municipal do PCdoB

É importante que os camaradas dos Comitês Estaduais nos mantenham informados sobre as agendas de eventos de cada estado, que devem ser encaminhadas à Classe Operária por e-mail: classe@pcdob.org.br

EMPRESA JORNALÍSTICA FUNDADA EM 1925

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

# A Classe Operária



Diretor **JOÃO AMAZONAS** (1912-2002),  
Jornalista responsável **Pedro de Oliveira** (MTB 9813SP), Edição - **José Carlos Ruy** - Carlos Pompe  
Edvar Bonotto - Remy Ferês - Diagramação - Marco Godoy -  
Administração - **Centro de Documentação e Memória**  
Fundação Maurício Gróbois  
Alameda Sarutaiá 185 - Jardim Paulista - São Paulo - SP - CEP 01403-010 Tel: 11-3054 1800  
classe@pcdob.org.br - www.vermelho.org.br/classe

ELEIÇÕES 2004

# Fortaleza em primeiro lugar

*Inácio Arruda, do PCdoB, quer a unir os partidos da base de Lula e governar para trabalhadores, servidores, classe média e empresários*

EMÍLIA AUGUSTA\*

O deputado Inácio Arruda, pré-candidato a prefeito de Fortaleza pelo PCdoB, garante que mesmo com a decisão do Partido dos Trabalhadores de apresentar candidato próprio às eleições municipais deste ano em Fortaleza, o PCdoB vai honrar os compromissos assumidos anteriormente e continuar apoiando os candidatos do PT em várias cidades cearenses. Inácio reconhece que a disputa será muito difícil e que seus principais adversários são o prefeito Juraci Magalhães e o PFL. Para Inácio, Juraci é um adversário perigoso, que vai fazer de tudo para não perder as eleições.

Apesar da decisão do PT, de ter candidato próprio, Inácio acredita ser possível a unidade dos partidos da base aliada do governo Lula, e vai persistir na busca dessa unidade, para que a eleição seja vitoriosa logo no primeiro turno. "Nossa postura será

de amplitude: amplitude política na aliança partidária e amplitude com o povo da cidade, operários, moradores de favelas, classe média, empresários, enfim, todos aqueles que querem ver nossa cidade crescer".

Inácio reafirmou o compromisso já assumido com o Partido dos Trabalhadores, em cidades importantíssimas do Ceará, "onde vamos estar juntos disputando as eleições, especialmente no município de Quixadá, onde teremos uma dura disputa. O PCdoB vai estar ali, honrando seu compro-



Inácio Arruda

misso com o prefeito Ilário Marques. Em Icapuí vamos apoiar também a candidatura apontada pelo Partido dos Trabalhadores. Em Maracanaú, vamos apoiar o candidato do PL e no Eusébio o nosso apoio é para Ayclon Gonçalves, do PSB. Outra candidatura que consideramos importante é a do PPS em Sobral", onde o PCdoB já firmou "o seu compromisso e vai trabalhar para eleger o candidato do PPS. Estamos reforçando os candidatos da base de apoio do governo Lula porque a vitória desses candidatos, com certeza, repercutirá no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, além de melhorar a administração dessas cidades."

Em entrevista ao jornal *O Povo*, de Fortaleza, Cid Gomes, prefeito de Sobral e presidente do PPS no Ceará, diz que seu partido deve fazer aliança, procurando reunir, na próxima eleição, no Estado, o mesmo espectro da aliança que apoia o governo Lula, e mais capaz de somar essa base é o de Inácio Arruda que, segundo o prefeito de Sobral, é o que "melhor representa o arco de aliança nacional, que dá sustentação ao presidente Lula".

Em Fortaleza, disse, o PCdoB terá uma trajetória "muito dura". Lá, o adversário é "perigoso", o atual prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães, "que tem poder, tem força, tem dinheiro, sabe corromper e que vai fazer de tudo para não perder as eleições. Mas nós

também vamos fazer de tudo para derrotá-lo", disse Inácio. "Por isso, temos de buscar, mesmo com algumas adversidades, o máximo de unidade para encontrarmos o caminho da vitória em Fortaleza."

Para ele, a decisão interna do PT local "não vai dificultar o apoio do PCdoB a outras candidaturas petistas no Brasil inteiro: em Porto Alegre, Salvador, Belém, ou mesmo em São Paulo, onde é importantíssima a reeleição de Marta Suplicy". Essas vitórias, disse ele, "significam a vitória do governo Lula, a vitória do nosso governo, pelo qual trabalhamos, nos esforçamos durante décadas para conquistar. Por isso é preciso fortalecê-lo."

Inácio Arruda manifesta ampla disposição para o diálogo e para o debate. "Vamos continuar persistindo na busca da unidade, é a nossa obrigação, o nosso dever, a nossa responsabilidade com essa batalha política que está em curso em Fortaleza", disse. "Precisamos do apoio de todos. Poderíamos até ganhar a eleição no primeiro turno, se tivéssemos um leque do conjunto de partidos que apóiam Lula. Todos têm direito a lançar candidato, o PT, o PCdoB, o PSB, o PPS, o PL, o PTB, o PDT. No entanto, vamos continuar discutindo com esses companheiros para construirmos uma forte aliança em Fortaleza. Isso é possível. Estamos conversando com todos os partidos, com os quais já conversamos há quase um ano. Vamos manter as conversações e estabelecer uma aliança

também em Fortaleza. Esse é o nosso objetivo. Sabemos onde está a direita, quem ela é. Sabemos que ela joga e temos que ter sabedoria para participarmos dessa grande batalha que é a eleição de 2004 na quinta cidade do país, a cidade de Fortaleza."

O objetivo é um só: "derrotar o prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães e o PFL. Por isso precisamos buscar o máximo de forças contra esse esquema que está montado em Fortaleza e que precisa ser desbaratado", desbaratamento que precisa ser feito "dentro do processo político, que são as eleições. É nesse sentido que vamos nos conduzir com o máximo de tranquilidade e paciência. Não se monta uma campanha eleitoral com arroubos, mas com paciência, tranquilidade, sabendo que do outro lado há um adversário forte, perigoso, que sabe jogar, que é manhoso e que vai usar de todos os meios e artifícios para impedir uma vitória do campo democrático e popular nas eleições de 2004."

Inácio Arruda lembra já ter enfrentado os problemas de Fortaleza desde quando foi dirigente da Federação de Bairros e Favelas onde, com paciência, conseguiu unir forças até torná-la "uma das entidades populares mais respeitadas de Fortaleza". Hoje, diz, é preciso buscar alianças fortes no campo sindical, de servidores públicos, de operários, na área de serviços, "onde temos grandes amigos que estão dispostos a marchar na busca da unidade", reunindo os partidos políticos e o povo de Fortaleza. "Só assim poderemos colocar a nossa cidade dentro do movimento *Fortaleza em primeiro lugar*", isto é, governar para os trabalhadores, os servidores, a classe média e também para os empresários. "Nossa postura será sempre essa: o máximo de amplitude. Amplitude política na aliança partidária e amplitude com o povo da cidade, com todos aqueles que querem ver nossa cidade crescer. Estaremos juntos com todos os setores da sociedade na disputa política de 2004."

\* Assessora de imprensa do deputado Inácio Arruda

## Mudança e renovação em Manaus

*Vanessa Grazziotin pode ter o apoio do governador Eduardo Braga (PPS), negocia com o prefeito Alfredo Nascimento (PL) e quer unir a base do governo*

MARIANE CRUZ\*

As eleições 2004 prometem ser uma das mais disputadas. Não em torno de candidatos, mas em torno de idéias, diga-se de passagem, muito distintas.

De um lado, o grupo de Amazonino Mendes (PFL), que esteve no poder nos últimos 20 anos no Amazonas, e hoje tem um alto índice de rejeição e pouca intenção de voto nas pesquisas. Além da sua até então "suposta" pré-candidatura, outros nomes despontam nesse campo conservador: para as candidaturas do apresentador de TV e vereador Sabino Castelo Branco (PP), do também apresentador e deputado federal Carlos Souza (PL) — que, apesar de ser de um partido que compõe a base do governo Lula, tem o perfil muito parecido com o de Sabino e de Amazonino e prega em seus programas sensacionalistas o papel de defensor dos trabalhadores, agindo como um policial nos casos de violência.

No outro lado, estão os candidatos da base aliada do governo Lula: Vanessa

Grazziotin (PCdoB), Serafim Corrêa (PSB) e Sinésio Campos (PT). Serafim é um eterno candidato. Coleciona diversas derrotas nas eleições, mas sempre acredita que agora chegou a sua vez. Sinésio se inscreveu nas prévias do seu partido, quando disputaria com o médico Marcus Barros, que é presidente nacional do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (IBAMA), e com o vereador Francisco Praciano. Barros não aceitou o convite para concorrer ao cargo de prefeito de Manaus

pois não quer deixar o IBAMA e Praciano abriu mão do seu nome para apoiar Barros ou Vanessa. Já o petista Sinésio preferiu esperar a resposta do médico para disputar com ele. Como Barros afastou-se da disputa, Sinésio manteve seu nome, mesmo não sendo consenso dentro do PT. Muitas alas pretendem apoiar o candidato indicado pelo governador Eduardo Braga, do PPS.

Com sua pré-candidatura lançada em

outubro de 2003, na conferência estadual do PCdoB/AM, a deputada federal comunista Vanessa Grazziotin é a concorrente da eleição com o perfil da renovação e da mudança. O que pesa a seu favor é a sua experiência política e o resultado do trabalho já realizado em todo o Estado. Vanessa foi vereadora por três mandatos consecutivos, a partir de 1989, quando iniciou a carreira parlamentar, ao final de sua militância estudantil e com os professores.

Em 2002, ela foi reeleita para a Câmara dos Deputados com a segunda maior votação, proporcionalmente, de todo o país. Ela teve 197.419 votos, dos quais 163.057 em Manaus. Ou seja, conseguiu, na capital, nada menos que 82% de seus votos.

Há alguns fatores que, com certeza, foram determinantes nesse resultado: seu trabalho de defesa da Zona Franca de Manaus e da utilização do gás de Urucu para gerar energia elétrica mais barata para a cidade. Bem como a sua atuação parlamentar, destacada na questão da fiscalização da aplicação dos recursos federais no Amazonas e na articulação de verbas para o Estado.

A orientação de sua campanha é congre-



Vanessa Grazziotin

gar os partidos da base de sustentação do governo Lula em torno de um único projeto. Mas, mesmo mostrando-se otimista com relação a uma coligação ampla, Vanessa acha impossível conseguir reunir todos os partidos de apoio em torno de uma única candidatura.

O governador Eduardo Braga (PPS), por sua vez, em conversas mantidas com o PCdoB, expressou sua admiração pela comunista e demonstra que pode apoiá-la, pensando em uma futura aliança para as eleições de 2006, quando concorrerá à reeleição. Enquanto isso, as negociações com o prefeito Alfredo Nascimento (PL), ainda estão em aberto. Ele vai assumir o Ministério dos Transportes nos próximos dias e a conversa com o PL ficará para depois.

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois  
Mônica de Azevedo, assessora de comunicação do PCdoB/AM

PCdoB

# Estratégia e tática do PCdoB e o novo projeto para o Brasil

Intervenção no 1º Encontro sobre Questões de Partido

RENATO RABELO\*

Reveste-se de grande importância a realização deste 1º Encontro Nacional Sobre Questões de Partido, que pode jogar papel fundamental na nossa organização. Na construção política, ideológica e organizativa do Partido, a política é a seiva permanente de sustentação. Assim como a árvore precisa, constantemente, da seiva para sobreviver, é através da ação política que o Partido intervém e exerce sua ação consciente na transformação da realidade. Sem uma política justa, correta, calcada na realidade, é impossível o Partido crescer, expandir-se e alcançar seus objetivos.

A ação partidária ocorre num tempo determinado e num quadro de relação de forças dado. Em decorrência, o Partido é um organismo vivo, que pode crescer ou sofrer involução, alcançar o êxito ou perecer.

A política deve ser justa. Deve ser a síntese dos nossos ideais e objetivos, aplicados a uma realidade que devemos conhecer em profundidade — a análise concreta da situação concreta, a que se referia Lenin. Sem uma política justa, direcionada para nossos objetivos programáticos, não há fortalecimento nem unidade do Partido. Sem uma política correta, nossa unidade pode se enfraquecer. Aqui reside a relação essencial da nossa política com a construção partidária.

Do ponto de vista comunista, mais precisamente, a política é justa quando a tática não se desliga da estratégia, quando a tática está em harmonia com o objetivo maior, estratégico. O sentido estratégico, a razão de ser do Partido Comunista, é superar os marcos da sociedade capitalista. Portanto, nossa estratégia expressa um objetivo revolucionário e nossa tática é o meio de alcançar esse objetivo. Esta é a relação entre reforma e revolução: reforma não é um fim em si mesmo, mas se subordina ao objetivo revolucionário. A tática se subordina à estratégia.

## A estratégia e a tática do Partido

Nosso Partido tem sua estratégia atual definida no Programa aprovado na nossa 8ª Conferência, em 1995, cujo núcleo está contido nos itens 33 e 35 do nosso Programa\*\*. Este, “não aborda a construção geral do socialismo, mas os problemas relacionados com a primeira fase de transição do capitalismo ao socialismo” (não é o socialismo pleno, portanto). Iniciar essa transição requer o alcance do poder político por forças interessadas e capazes de realizar esse trânsito. Esta é uma ação revolucionária — é o nível e o conteúdo da revolução no Brasil, na visão do nosso Partido.

A tática deve ser adequada aos diversos períodos históricos, e assim deve ser entendida. Na sua evolução recente, ela tem o sentido de aproximação com o objetivo estratégico. Isto consiste em reunir condições, “acumular forças” para alcançar a primeira fase de transição do capitalismo ao socialismo. De forma mais simples e didática: é uma tática de acumulação e aproximação.

Na luta contra o regime militar de 1964, o objetivo era a redemocratização e o centro tático era o fim do regime militar. No pós-dita-



Renato Rabelo: “partido é um organismo vivo, que pode crescer ou sofrer involução”

dura militar, o objetivo era ampliar a democratização mas, com a derrota da Frente Brasil Popular encabeçada por Lula, em 1989, o objetivo tático passou a ser dirigido contra a aplicação do projeto neoliberal e pela defesa de um novo rumo para o Brasil. O centro era a derrota das forças políticas protagonistas do projeto neoliberal. A vitória de Lula em 2002 marca o fim dessas fases (fim do regime militar, derrota do governo FHC), o que constitui êxito de sentido estratégico. Novas forças assumem o centro do poder e se abre novo ciclo político em nosso país, ciclo que vivemos atualmente.

Em 2003 reunimos o Partido numa Conferência Nacional e definimos a tática atual. Nosso objetivo: trabalhar, já que somos força partícipe do governo, pela vitória do programa mudancista, que contemple desenvolvimento nacional, defesa da soberania, da democracia e do progresso social. O centro de nossa tática é atuar pelo êxito do governo Lula na condução desse novo projeto. O êxito de sentido estratégico da fase atual consiste no alcance da aplicação desse novo projeto, que significa superação dos marcos do sistema neoliberal vigente.

## Desafio da construção do novo projeto

Para a construção do novo projeto, que substitua a orientação neoliberal, devemos considerar a singularidade e as particularidades da situação atual. Tal análise não objetiva justificar políticas adotadas a partir das dificuldades encontradas, mas situar melhor o nível real da batalha política em curso. Se não compreendermos o nível da batalha, podemos nos perder no conjunto das inúmeras lutas que travamos.

O singular é que a luta política levou à formação de um governo democrático, de sentido progressista, numa coalizão de amplas forças, sob a direção de uma força moderada, que imprime um sentido de dualidade ao governo. A vitória de Lula se deu numa situação interna carregada de grandes constrangimentos e impasses e de manutenção de forte poder dos setores conservadores. A situação internacional é caracterizada por uma ordem mundial predominantemente unipolar e por intensa concentração e centralização do capital e da riqueza. Existe um crescente movimento de resistência, mas

ainda sem uma possibilidade imediata real de transformação revolucionária.

Não é pequena a dimensão do desafio que se nos apresenta. Hoje, na construção de um novo projeto, nos encontramos diante do seguinte entroncamento: esgotamento da chamada “era Vargas” (o nacional desenvolvimentismo), fracasso do plano Cruzado, na década de 1980, e predominância, entre economistas e burocratas, apesar dos estragos que vem causando, do modelo “estagnacionista”. O professor Paulo Nogueira Batista Jr. caracteriza esse modelo como o medo de crescer e como a orientação de política econômica essencialmente hostil ao desenvolvimento, adotada desde o final da década de 1980.

Mesmo no âmbito do governo se reflete esse dilema acerca do projeto a seguir. Prevalece, na prática, uma orientação macroeconômica que cria dificuldades ao desenvolvimento, apesar de existirem pólos importantes voltados para uma saída desenvolvimentista, como o BNDES, os ministérios das Minas e Energia, da Ciência e Tecnologia, da Integração Nacional, o Itamaraty e o Ministério da Indústria e Comércio. Existe, ainda, no seio do núcleo central, divergência quanto à linha de desenvolvimento a ser adotada. A atual orientação macroeconômica é o entrave principal à retomada do desenvolvimento mais rápido e acentuado que o Brasil requer e à abertura do caminho para o novo projeto. A concretização do novo projeto de desenvolvimento, contudo, não significa a consecução imediata de um projeto de cunho democrático-popular que leve à transição ao socialismo. Trata-se da busca de um projeto de desenvolvimento de caráter nacional, democrático, progressista, dentro das condições temporais de um capitalismo nacional.

No atual patamar da luta pela mudança, da luta pela implantação da transição à alternativa de novo projeto, o centro do debate deixa de ser a manutenção da orientação ortodoxa da política macroeconômica no começo do governo. Naquele período inicial, as adversidades para a governabilidade eram grandes e, de certo modo, justificaram as medidas “amargas”. Atualmente, o centro do debate é a consolidação da política macroeconômica vigente versus a sua negação e insustentabilidade. Isso se reflete nos documentos sobre Estado soberano ou mercado onipotente; autonomia na política econômica

ou preceitos do FMI; hegemonismo e unipolaridade ou multipolaridade; rentismo ou produção; credibilidade do mercado ou credibilidade do povo etc.

Os dados da economia real (desemprego elevado, queda da renda e do consumo), a evidência do PIB negativo de 2003 e o insucesso da relação dívida/PIB (a diminuição dessa relação é o objetivo central que os condutores da área econômica dizem perseguir, mas em 2002 era 56,5% e em 2003 aumentou para 58,2%, mesmo com superávit primário cavalari de 4,3%), tudo isso elevou mais ainda a intensidade do debate, inclusive dentro do governo. Até mesmo a justificativa da política econômica conservadora vigente é mais ideológica do que técnica — é produto da luta ideológica e política atual.

A indicação concreta do novo projeto (sua aplicação preliminar), que supere os limites da ortodoxia liberalizante, é, antes de tudo, uma escolha política. A vasta maioria da nação anseia pelo desenvolvimento, pelo emprego. Não quer também, é certo, a volta da inflação.

O fator tempo passa ser um ingrediente primordial para a reorientação da política econômica. Isso porque se inicia a segunda metade do mandato governamental, ocorre neste ano o primeiro embate eleitoral em todos os municípios e, especialmente, o governo vive a sua primeira crise política, que se transformou numa crise de governo.

A oposição, que parecia inerte (e não se restringe ao âmbito do Congresso Nacional), procurou atingir o núcleo do governo e o PT. Toda grande mídia, junto com os partidos de oposição conservadora, procurou dar grande dimensão ao escândalo Waldomiro, exigindo verdadeira investigação política do governo. Tenta liquidar uma peça chave da equipe do Planalto, o ministro chefe da Casa Civil, José Dirceu. Parece que o pior vai passando, mas não se pode desconhecer o clima de instabilidade política ainda presente, requerendo respostas que assegurem a confiança no governo (pesquisas indicam que ainda se mantém a confiança da população em Lula).

A predominância ainda, no governo Lula, com seu curso contraditório, da ortodoxia macroeconômica não é determinante para se concluir, desde já, a inviabilidade da consecução de um novo projeto voltado para a soberania e a democracia. Quatro anos de mandato é um tempo exíguo para a realização do novo projeto. Mas, diante das condições objetivas e subjetivas da realidade atual, pode ocorrer sua indicação e sinalização, numa fase que abra caminho, lançando as pontes para a sua implementação — embora não para a concretização do próprio projeto. O governo Lula pode, portanto, abrir caminhos, lançar pontes.

A exigência de uma denominada “agenda positiva” demonstra nitidamente que se torna premente a sinalização da mudança, que consiste na retomada do caminho do desenvolvimento, na criação mais rápida dos postos de trabalho e na elevação da renda dos trabalhadores.

Nosso Partido já apresentou, em documentos da Comissão Política e em resoluções do Comitê Central, propostas que apontam o novo rumo que o país necessita. Eis alguns destaques: ■ Reorientar a política econômica, mudan-

do as bases de sua sustentação (juros elevados, superávits primários pesados e livre circulação de capitais justificados pelo alcance de metas de inflação — 5,5% — irrealistas para a realidade do país);

■ Destruir os investimentos públicos e privados, ampliar o crédito, baixar acentuadamente os *spreads* bancários;

■ Dar aumento real ao salário mínimo (que atinge, de certa forma, 80% população); ampliar o mercado interno;

■ Sustentar o plano de investimento em infra-estrutura do BNDES; garantir desfecho favorável ao projeto PPP; aplicar política industrial desenvolvimentista;

■ Sustentar o esforço de diversificação comercial e de aumento das exportações;

■ Sustentar a política externa brasileira; apoiar e reforçar a parceria com a Argentina, via Mercosul;

■ Apoiar o presidente Lula no esforço de renegociar o acordo com o FMI (garantindo autonomia para a política econômica e deixando de considerar o investimento como despesa);

■ Sustentar a formação da maioria política no âmbito do Congresso Nacional, destacando, inclusive, o papel do PMDB na garantia de governabilidade para a aplicação de uma política desenvolvimentista, soberana e democrática;

■ Aprovar uma reforma política democrática, que reforce a liberdade partidária e a democracia (a reforma política não pode ter por objetivo reforçar os partidos grandes e dificultar a existência dos demais).

Reconhecemos a preocupação e o esforço de Lula na busca de uma saída para o desenvolvimento, para a alternativa ao projeto neoliberal. Suas iniciativas no sentido de renegociar o acordo com o FMI, sustentar parcerias estratégicas com países em vias de desenvolvimento, aprofundar a relação com a Argentina e a Venezuela, investir na construção civil, ampliar o crédito e ampliar os programas sociais. Mas é preciso sinalizar com medidas para superar os verdadeiros entraves ao rápido desenvolvimento, ao novo projeto. A atuação do movimento social, que representa os anseios e interesses do povo e dos trabalhadores e é um aliado fundamental, e não temporário, do governo Lula, é uma base determinante para impulsionar a mudança.

O desafio histórico do nosso Partido, nas condições atuais, é relançar, vincar a corrente revolucionária fundada por Marx e desenvolvida por Lenin e outros grandes revolucionários. Um desafio gigantesco, após a derrota das primeiras experiências socialistas. Nosso êxito de sentido estratégico consiste no êxito do governo Lula na condução do novo projeto de desenvolvimento, voltado para a soberania, a democracia, os direitos do povo. No entanto, considerando o vínculo da nossa tática com a nossa estratégia, o êxito do governo não significa o fim do nosso objetivo estratégico, mas um meio para nos aproximar do objetivo maior — a transição do capitalismo ao socialismo, nas condições do Brasil. Esse é o caminho da construção política profunda e sustentada do PCdoB, via imprescindível para seu verdadeiro fortalecimento e para o cumprimento de sua grandiosa missão histórica.

\*presidente do PCdoB

\*\* Dizem os itens 33 e 35 do Programa Socialista, Construído o Futuro do Brasil aprovado na 8ª Conferência Nacional do PCdoB, realizada em 1995:

33. A fase da transição preliminar do capitalismo ao socialismo realizará gradativamente as transformações indispensáveis. Nesta primeira fase não haverá confiscação geral, socialização total, expropriação generalizada. As medidas radicais, ligadas às exigências iniciais da construção socialista, terão cunho parcial. Em qualquer circunstância, será respeitada a propriedade pessoal conseguida com esforço próprio, honesto.

35. O presente Programa não aborda a construção geral do socialismo, mas os problemas relacionados com a primeira fase da transição do capitalismo para o socialismo. Traça o caminho da luta para alcançar o poder na situação atual, pressuposto básico para a execução do Programa.

## CONJUNTURA

# Momento favorável

Aldo Rebelo lembra que o movimento social tem grande acesso a Lula

CARLOS POMPE

O ministro da Coordenação Política do governo Lula, Aldo Rebelo, vice-presidente do PCdoB, fez uma breve intervenção durante o Encontro Nacional do PCdoB sobre Questões de Partido, dia 6, em Brasília. Para um auditório de mais de 300 comunistas de todo o país, silenciosos e atentos, Aldo, falando pausadamente, lembrou que “em 2003, as forças populares obtiveram uma vitória importante, com a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Até mesmo os comunistas, que nunca haviam participado do poder central, passaram a ter um ministério — o do Esporte, comandado pelo camarada Agnelo Queiroz —, a liderança do governo na Câmara, e a interlocução do nosso presidente, Renato Rabelo, junto ao primeiro escalão, além de participar de várias instâncias governamentais”.

Avanço maior aconteceu neste ano, com a reforma ministerial: “passamos a atuar também na Secretaria da Coordenação Política e Relações Institucionais. Uma presença que não se justifica pelo número da nossa bancada no Congresso: não temos nenhum senador, e apenas 9 deputados federais, enquanto o PT tem 91 deputados, o PMDB tem 78, o PP 54 e o PTB 52, para citar apenas alguns partidos da base governista.

**Governo Lula zela pela soberania e pela democracia em nosso país**

Não é a quantidade de nossos parlamentares, portanto, o que nos levou a essa participação. Nossa presença é justificada pela política, pelas idéias e pela atuação para formar um governo amplo de coalizão, que defendemos desde 89, quando se criou a Frente Brasil Popular. É esta participação singular, mas fundamental, que explica um número de ministros que é igual ao do PMDB, embora este tenha uma bancada parlamentar incomparavelmente maior”, disse o ministro.

Para Aldo, o PCdoB “mantém suas convicções, sua ideologia, seu caráter revolucionário. Acreditamos que o mundo será melhor se caminhararmos para o socialismo. O Partido mantém sua organização independente e sua unidade e reafirma a norma do centralismo

democrático. Sem unidade, o nosso Partido não consegue alcançar seu objetivo. Todos olham para nós e nos respeitam, não só pela ideologia e pela política, mas também porque somos uma força de unidade, que atua com a criatividade e a imaginação que integram o marxismo-leninismo”.

O ministro não considera que a participação no governo torna as coisas “mais difíceis para o movimento social, sindical ou estudantil. Eu compreendo o contrário. Se esta luta precisa de um

ambiente mais democrático, se precisa de democracia e de liberdade, se as idéias avançadas necessitam deste ambiente, então nunca tivemos um momento tão favorável. Nunca vi o movimento sindical, o movimento estudantil e popular ter um acesso tão grande ao presidente, aos ministros, às esferas de governo”.

Aldo ainda destacou que, “num mundo onde governos são depostos, como no Iraque, como no Haiti, este governo que temos é também uma conquista da causa da soberania nacional e deve ser preservado. Trata-se de um governo que zela pela soberania e pela democracia em nosso país”. Finalizou afirmando que o PCdoB vive um momento “favorável ao seu crescimento. Favorável a que o Partido amplie a sua presença nas Câmaras Municipais, nas prefeituras, nos governos e legislativos estaduais.”



Aldo Rebelo no Encontro sobre Questões de Partido

## PESQUISA DE OPINIÃO

# O método de plantar e colher

O Datafolha ajuda a criar manchetes para a Folha de S.Paulo

SÉRGIO BUARQUE DE GUSMÃO

As pesquisas de opinião lembram o que o estadista alemão Otto von Bismarck disse das salsichas: se o público soubesse como são feitas, ficaria longe delas. Até um instituto respeitado, como o Datafolha, que introduziu critérios mais confiáveis no ramo, de vez em quando apresenta factóides e não fatos. Um desses fatos despidos de ação, como um vento sem ar, foi gerado pelo instituto e estampado na 1ª página da *Folha de S.Paulo* no dia 2: “Pesquisa Datafolha mostra que 81% defendem CPI sobre o caso Waldomiro — Maioria quer afastamento de Dirceu, mas poupa Lula”.

É o factóide por excelência, conforme a definição do criador da palavra, o romancista americano Normal Mailer, no livro *Marilyn — Uma biografia*, de 1973, ano em que também foi publicado no Brasil, pela editora Civilização Brasileira, com tradução de Fernando de Castro Ferro. O próprio Mailer explicou sua criação: “Fatos que não têm nenhuma existência antes de aparecer numa revista ou jornal.”

Antes de ilustrar a pesquisa do Datafolha, e daí às páginas do jornal *Folha de S.Paulo*, simplesmente não existia a opinião majoritária dos supostos 81% dos entrevistados que concordaram com a proposta de instalação de uma CPI para investigar o Caso

Waldomiro. Tampouco repousava nos neurônios de um total de 67% a conclusão de que o ministro José Dirceu “deve ser afastado da Casa Civil”. Esses números foram engendrados pelo Instituto.

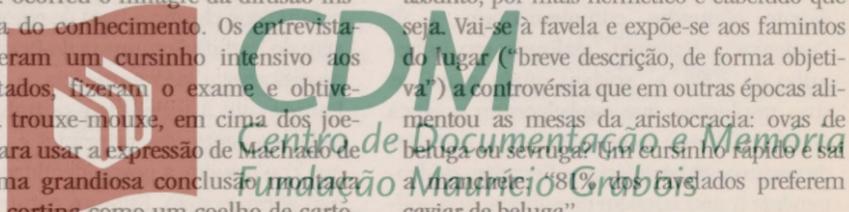
Quando os pesquisadores do Datafolha interpelaram 2.306 eleitores em 132 cidades do País, 47% disseram jamais “ter ouvido falar” do caso. Logo, 53% afirmaram saber do que se tratava. Mandava o bom senso e a honestidade intelectual que só esses — e eram a maioria — fossem convidados a fazer comentários, por ser óbvio que aos institutos de pesquisa, e sobretudo aos jornais, cabe colher e não plantar opiniões. Mas os pesquisadores escreveram em suas planilhas as respostas de 81% do total de entrevistados, para um quesito, e de 67% para outro.

Como foi possível? Se apenas 53% conheciam o caso, como foi que 81% puderam aprovar a instalação da CPI e 67% concordar com o afastamento do ministro? Simples: ocorreu o milagre da difusão instantânea do conhecimento. Os entrevistados deram um curso intensivo aos entrevistados, fizeram o exame e obtiveram, “a trouxe-mouxe, em cima dos joelhos”, para usar a expressão de Machado de Assis, uma grandiosa conclusão: instalação de uma CPI para investigar o caso de Waldomiro. Um curso rápido e satisfatório, com 81% dos entrevistados preferindo caviar de beluga”.

la. Em minutos, “depois de serem informados do caso”, segundo a reportagem da *Folha* no dia 3, a grande maioria dos entrevistados ficou bem informada como as paredes, e o Datafolha converteu chumbo em ouro, ignorância em experiência, treva em luz. De uma hora para outra, quem nada sabia qualificou-se para dar opiniões que o instituto e jornal anunciaram como uma conclusão atribuída a ninguém menos que à “população” do Brasil.

É um truismo dizer que pelo menos a opinião de 47% dos entrevistados, que antes nada sabiam, foi construída com base na informação passada pelo Instituto, uma “breve descrição, de forma objetiva”. Aos leitores foi sonogado, no entanto, este resumo miraculoso — omissão que contraria a transparência reivindicada pelo Datafolha. A única transparência aqui é a do truque.

Grave é a conclusão de que, por este método, faz-se pesquisa acerca de qualquer assunto, por mais hermético e cabeludo que seja. Vai-se à favela e expõe-se aos famintos do lugar (“breve descrição, de forma objetiva”) a controvérsia que em outras épocas alimentou as mesas da aristocracia: ovas de beluga ou sevruga? Um curso rápido e satisfatório, com 81% dos entrevistados preferindo caviar de beluga”.



## 1º ENCONTRO SOBRE QUESTÕES DE PARTIDO

# PCdoB trabalha para ser um partido de massas

*Encontro defendeu a unidade e a política justa, para forjar partido de aço*

BERNARDO JOFFILY\*, DE BRASÍLIA

O 1º Encontro Nacional do PCdoB sobre Questões de Partido, realizado de 5 a 7 de março, em Brasília, reuniu cerca de 300 quadros comunistas, vindos de todos os Estados. Os ministros comunistas Aldo Rebelo (Coordenação Política) e Agnelo Queiroz (Esporte) acompanharam os debates, e Trajano Jardim, do Comitê Central do PCB, participou como observador convidado.

Na abertura, foi homenageado o 82º aniversário do Partido, que transcorre no próximo dia 25. E dedicado como um minuto de silêncio à memória dos guerrilheiros do Araguaia (1972/1974), militantes do PCdoB que deram a vida na luta contra a ditadura. Renato Rabelo, o presidente do PCdoB, abordou os vínculos entre a política e a estruturação do Partido (veja na página 4).

Walter Sorrentino, secretário de Organização, fez a fundamentação do documento base do Encontro — “Um partido comunista de massas, estruturado pelas bases, sobretudo entre os trabalhadores, unido e coeso a partir de direções consolidadas em especial nos maiores municípios, com intenso protagonismo político na luta dos trabalhadores e do povo”. Segundo ele, é necessário “colocar no escopo do PCdoB o seu fortalecimento organizativo e enfrentar pressões rebaixadoras, sob pena de o Partido não

ter pernas para se mover na nova realidade”. Ele apresentou o conteúdo do documento e pôs em relevo alguns dos seus elementos, como a proposta de dotar o PCdoB de uma linha de construção de hegemonia política, a defesa de um projeto político próprio e o mergulho nos movimentos de massas.

Sorrentino também apresentou as emendas ao documento base, propostas pela Comissão de Organização a partir dos debates ocorridos nos Estados. Entre elas, a introdução de uma referência à construção do PCdoB entre os trabalhadores do campo — o Brasil é



Na fase dos debates ocorreram mais de 80 intervenções

um dos países do Ocidente com maior contingente de trabalhadores agrícolas.

Na parte final de sua intervenção, previu que, para o Partido funcionar tendo como eixo as Organizações de Base, “vai ser necessária uma pequena revolução interna no PCdoB”.

Ainda na abertura do Encontro, Adalberto Monteiro, secretário de Formação e Propaganda do Comitê Central, fez uma intervenção especial sobre o trabalho de fortalecimento da perspectiva militante.

Na fase dos debates, mais de 80 pessoas se inscreveram e falaram. Ponto muito destacado foi o do vínculo entre a estruturação de um forte partido comunista de massas e a defesa do caráter revolucionário e da proposta programática socialista do PCdoB, combatendo as tendências rebaixadoras e taticistas.

No último dia, duas intervenções especiais marcaram os trabalhos. A vice-presidente do PCdoB, deputada estadual de Minas, Jô Moraes, saudou o Dia Internacional das Mulheres, 8 de março, e afirmou: “Não se deve subestimar as dificuldades objetivas que impactam o exercício da militância das mulheres, dificuldades essas que precisam ter respostas concretas das direções partidárias. Quanto mais se exacerbou o modelo neoliberal,

cujas heranças perversas ainda é parte do sofrimento do povo, mais se ampliaram essas dificuldades, assumindo contornos dramáticos na parcela mais pobre da população feminina. As mulheres têm uma sobrecarga de trabalho que inviabiliza, muitas vezes, sua ação militante, independente de sua vontade. Os cuidados com os filhos menores, os afazeres domésticos, a

responsabilidade com os doentes da casa, a pouca preparação para o exercício da ação pública são fatores que dificultam sua contribuição. Juntem-se a isso as características psicológicas que a sociedade capitalista lhes legou: o sentimento de culpa frente ao não cumprimento de suas ‘funções específicas’, a insegurança pessoal, a baixa auto-estima”. Para ela, “ser militante, comunista e mulher que ainda tem de enfrentar as algemas da opressão de gênero é tentar alcançar o vôo das águias”.

João Batista Lemos, secretário Sindical do Partido e coordenador da Corrente Sindical Classista, propôs realizar “um 2º Encontro Nacional de Questões de Partido, para 2005, tendo por tema a estruturação e o fortalecimento do PCdoB entre os trabalhadores brasileiros, com ênfase no operariado. Deste modo, estaremos dando continuidade aos trabalhos, debates e resoluções da 1ª Conferência Sindical Nacional, realizada em junho de 2001, do 10º Congresso do Partido, ocorrido em dezembro de 2001. Desde então, avançamos na compreensão teórica da conceitualização marxista sobre o proletariado, crescemos entre os assalariados, ampliamos nossa influência no movimento sindical e desencadeamos uma luta de concepção no interior do nosso Partido sobre o papel central do proletariado no projeto político dos comunistas e a necessidade de reafir-

mar e fortalecer na prática o caráter de classe do Partido, como vemos expresso no documento deste 1º Encontro Nacional sobre Questões de Partido”.

O Encontro foi encerrado, com a aprovação dos objetivos, metas e projetos do 5º Plano de Estruturação Partidária (veja na página 7). Com duração bienal, o 5º PEP vai até o 11º Congresso do PCdoB, previsto para 2005.

Encerrando os trabalhos, Renato Rabelo, presidente do PCdoB, lembrou que a 9ª Conferência do Partido lançou as bases da nova política partidária. “Agora é necessário criar o arsenal político, teórico e organizativo para a atualidade e garantir o papel revolucionário do PCdoB. Desenvolver a teoria revolucionária é o nosso desafio, porque uma nova vaga revolucionária, cedo ou tarde virá”, afirmou. Ele lembrou que o encontro desenvolveu três conceitos, o da *hegemonia*, o da *originalidade do Partido*, com as características do nosso país, e o tamanho necessário do partido, de massa, condizente com tamanho da população brasileira. “São conceitos importantes para a fase atual”, disse. “Filiado é importante, pois o Partido cresce. Mas o grande desafio é como estruturar e como organizar esse contingente de filiados. Um partido grande e organizado, este o desafio presente”.

Para Renato, “a teoria revolucionária de hoje não é igual à do início do século passado. Vamos abrir as mentes. Somos agentes desse movimento revolucionário, socialista”.

Ele lembrou que o Partido tem um embate político importante neste ano, que são as eleições municipais: “Temos condições de eleger prefeitos, inclusive de capitais, e triplicar o número de vereadores. Nosso objetivo é crescer o Partido e trabalhar pela vitória da base de sustentação do governo Lula, fortalecer o nosso campo. Nosso Partido está com uma democracia interna mais ampla e deve estar unido para enfrentar os desafios. Sem unidade, o partido vira mingau. E o Partido Comunista tem que ser de aço. Viva o Partido Comunista do Brasil!”

\*colaborou Carlos Pompe

## Reunião dos principais dirigentes comunistas dos Estados

*Chegou a hora de renovar a imagem do PCdoB, o modo de conceber a vida partidária*

Para o secretário de Organização do PCdoB, Walter Sorrentino, o Encontro Nacional sobre Questões de Partido, ocorrido dias 5, 6 e 7 de março em Brasília, confirmou que “o Partido Comunista do Brasil vive um momento excepcional: seu maior impulso de crescimento em 82 anos e um impulso também na sua maturação. Lá estava o corpo dirigente principal do Partido em cada Estado. Dos 300 quadros presentes, 250 eram os dez dirigentes principais de cada Estado. E estavam todos os Estados”.

Na opinião de Walter, os três dias de debate efetuados complementam a 9ª Conferência Nacional, realizada em julho-julho de 2003, e “soldam ainda mais” as suas resoluções, que estabeleceram a tática do PCdoB diante do governo Lula. “Ao tratar da construção partidária, o Encontro evidentemente tratou também da política, e da política em um momento de encruzilhada, devi-

do ao “escândalo Waldomiro” e às opções que precisam ser feitas na área econômica, assumindo posições que inclusive repercutiram na imprensa. O fato é que o espírito democrático que tem caracterizado cada vez mais o PCdoB vem galvanizando uma unidade sólida em suas fileiras”.

O dirigente comunista afirma que “o PCdoB quer aproveitar este momento excepcional: não apenas com vitórias táticas, imediatas, mas de forma estratégica, fortalecendo o Partido, com os olhos postos tanto no presente como no futuro”. As mais de 80 intervenções feitas durante o Encontro indicaram “que chegou a hora de renovar a imagem do Partido Comunista do Brasil, o modo de conceber a vida partidária, o diálogo do Partido com a sociedade e os trabalhadores, tudo isto dentro dos princípios e concepções que conformam a nossa identidade, da qual não abrimos mão. Estamos construindo um partido comunista desta nova etapa que se



Sorrentino: situação favorável ao crescimento abre, de luta por um projeto socialista renovado. E estamos apenas começando. Esperamos, acreditamos, que estejamos sendo vanguardistas.”

Além de aprovar a linha política de estruturação partidária e o 5º PEP (Plano de Estruturação Partidária), o Encontro “colocou os pilares da reflexão sobre esta renovação: primeiro, a idéia de um partido de luta para construir a hegemonia. Segundo, um partido leninista brasileiro. E terceiro, um partido comunista de massas”.

A concepção dogmática, que encara a questão de partido como uma área imutável do pensamento comunista, não se manifestou nos debates. “Evitou-se o dilema entre tratar genericamente da concepção de Partido e tratar dos malditos problemas práticos, imediatos e fragmentários, para encarar como se deve, a política de estruturação partidária”, diz o secretário de Organização.

“O PCdoB está preparado e está ansioso para seguir este caminho”, afirmou, prevendo o êxito ao objetivo de chegar em 2005 a centenas de milhares de filiados e 100 mil militantes no Partido.

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Encontro aprova o 5º PEP

O 1º Encontro Nacional sobre Questões de Partido aprovou o 5º PEP (Plano Nacional de Estruturação Partidária), instrumento de planejamento da estruturação partidária utilizado desde 1999. No 5º PEP um conjunto de inovações quanto ao método de elaboração do Plano foi utilizado. Partindo de metodologias baseadas no Planejamento Estratégico Situacional e no Planejamento de Projeto Orientado para Objetivos foi construído um Plano que integra de forma sistemática as frentes de atuação partidária, buscando maior interação entre os objetivos e desafios específicos de cada frente. O planejamento sistemático veio para ficar e deve buscar um método que melhor corresponda às características da atividade partidária.

A íntegra do plano pode ser acessado na página do **Partido Vivo**, no endereço [www.vermelho.org.br/pcdob](http://www.vermelho.org.br/pcdob).

## As circunstâncias políticas para o 5º PEP

Sendo bienal, nosso plano, parte das condições concretas das batalhas postas na ordem do dia neste ano de 2004. Uma das lições mais presentes em nossa experiência é que se estrutura o Partido nas batalhas políticas, e não à margem delas. Isso é o que pode assegurar uma visão não estanque ou burocrática de nosso planejamento. Por isso, o ambiente político de nossa atividade em 2004 define os objetivos do plano.

O ano de 2004 será de intensificação da luta pela mudança de modelo econômico no país, para levar ao desenvolvimento com distribuição de renda, e superar o modelo neoliberal. É o segundo ano do mandato do Presidente Lula, que concluirá até dezembro metade de seu mandato. A luta entre continuidade e mudança será acirrada, principalmente por ser ano eleitoral, e por se acumularem os efeitos da estagnação do desenvolvimento econômico, com profundos efeitos sociais sobre o povo. As mudanças necessárias exigem maior pressão política dentro e fora do governo, sempre considerando a correlação de forças real e a perspectiva de fortalecer o governo como principal instrumento para promovê-las.

No plano político e da luta de idéias, maior esforço crítico deverá ser despregado pelo Partido, aglutinando forças e idéias para impulsionar mudanças efetivas. Nossos documentos traçam uma visão clara da direção dessa crítica e armam o coletivo para demarcar a ação do PCdoB em cada situação. Particular atenção nos exigirá a reforma política, visando derrogar a cláusula de barreira e garantir uma trajetória eleitoral ascendente para o PCdoB.

No plano da luta de massas, uma intensa mobilização será necessária para pressionar no rumo das mudanças. Sob as consignas de Terra, Trabalho, Renda e Moradia articulam-se as principais demandas dos movimentos sociais. Sua articulação unitária e politização, sob a Coordenação dos Movimentos Sociais e dos Fóruns do Trabalho, precisa de forte protagonismo do Partido, em cada nível de atuação. Adquire relevância especial o debate da Reforma Sindical, que pode significar um importante avanço da organização e luta dos trabalhadores, assegurando a unicidade sindical e a criação dos comitês sindicais pela base nas empresas. Se vingarem, podem significar novo potencial para a ação do Partido entre os trabalhadores.

O fulcro da disputa política no país, entretanto, se deslocará para as eleições de outubro. Elas demarcam o principal fato político do ano, e condicionam, centralmente, nosso plano de estruturação para 2004. As eleições serão municipais na forma, mas seus resultados terão claro significado político nacional com respeito às perspectivas do governo Lula, notadamente nas maiores capitais do país.

O PCdoB traçou seus objetivos e metas para essa luta. Visamos fortalecer as forças de sustentação do governo Lula, manifestamente seu núcleo de esquerda. Buscamos construir um acordo nacional amplo nesse núcleo, e fortalecer eleitoralmente o Partido. Temos por meta conquistar a prefeitura de até duas capitais, assegurar a reeleição em Olinda, conquistar uma série de indicações para vice-prefeitos em importantes capitais — Recife, Aracajú, Porto Alegre, entre outras. Concorremos com dezenas de candidaturas próprias, onde houver condições de aglutinar forças em torno de nossos candidatos. E buscaremos triplicar o número de vereadores eleitos em 2000, para o que centralmente construímos coligações proporcionais, ao lado do lançamento de chapas próprias onde há efetivas garantias de alcançar coeficiente eleitoral. Plataformas políticas partidárias e dos candidatos serão formuladas, concentrando a política do Partido para o grande debate que se travará em toda a sociedade.

A estrutura partidária precisa dar conta desse esforço e ao mesmo tempo reforçar-se durante o curso das batalhas. Temos o propósito de chegar ao 11º Congresso com, no mínimo, 100 mil militantes no Partido, e durante 2004 precisamos construir as bases para isso. O Partido cresceu 71% em 2003 e seguirá crescendo. O impulso da vitória de Lula e nossa participação no governo, será seguido de novo impulso, o de termos alcançado a indicação de um Ministério, integrante do núcleo político central do governo. Seus efeitos já se fazem sentir na atuação partidária, que foi elevada a outro nível de compromisso e responsabilidade. Um terceiro impulso de crescimento advirá da almejada vitória eleitoral em outubro.

O 5º PEP em sua primeira etapa se desenvolverá nesta nova situação. Ele, integralmente, emana da linha do documento aprovado no Encontro, que por sua vez materializa a linha fundamental aprovada na 9ª Conferência. Precisam ser vistos em conjunto: Um partido comunista de massas, estruturado pelas bases, sobretudo entre os trabalhadores, unido e coeso a partir de direções consolidadas em especial nos maiores municípios, com intenso protagonismo político na luta dos trabalhadores e do povo.

Esses projetos prioritários, de maior impacto nos resultados esperados e que implicam em maior envolvimento das frentes partidárias, buscam assegurar foco e concretude ao 5º PEP em torno dos objetivos e metas para o ano de 2004.

## Os eixos do 5º PEP

A incorporação das frentes de massas reforçou a compreensão de que a estruturação partidária deve estar compassada com a implementação do projeto político do Partido, tendo a ação política e de massas como um elemento impulsionador desse projeto. É no curso da luta política que o PCdoB cresce, se estrutura e se fortalece.

Orientando-se por essa compreensão definiu-se os seguintes eixos políticos para o Plano Nacional:

- Partido Comunista de massas, grande e estruturado em Organizações de Base;

- Protagonismo na luta política e social, politizando e intensificando a ação de massas na luta em apoio ao governo Lula pelas mudanças, e na luta concreta dos trabalhadores e do povo;

- Protagonismo na luta de idéias e elevação do nível político e teórico do coletivo;

- Divulgar para milhões as idéias do PCdoB;
- Assentar em bases políticas a sustentação material e financeira do Partido;

- Perseguir o fortalecimento do Partido com foco nos trabalhadores, na juventude — avançando na construção da UJS — e intelectualidade.

## Projetos nacionais prioritários

Os projetos nacionais prioritários para a 1ª etapa (2004) do 5º PEP são:

- Projeto Eleitoral PCdoB 2004;

- 1º Encontro Nacional sobre Questões de Partido, ativo de Organização e ativo de Finanças;

- Cadeia nacional de Rádio e TV;

- Conferências de 2004 realizadas pelas bases, colocando os Comitês Municipais como dirigentes do processo eleitoral e as bases como núcleos amplos de campanha;

- Campanha sobre contribuição do militante
- Encontro com o tema: Partido e Movimentos Sociais e Populares;

- Campanha “Bem-vindo Camarada”;

- Ofensiva Política no trabalho de finanças

- Coordenação dos Movimentos Sociais - CMS em nível nacional e nos estados e municípios

- Escola Nacional;

- Secretarias executivas nos Comitês Estaduais;

- Documento e Encontro sobre política de estruturação do Partido junto ao proletariado;

- 12º Congresso da UJS.

## A centralidade da batalha eleitoral

O projeto eleitoral PCdoB 2004 têm como centro fortalecer as forças de sustentação do governo Lula, manifestamente seu núcleo de esquerda e ampliar a base eleitoral e firmar a fisionomia própria do PCdoB,

Ele desdobra-se em objetivos, metas e projetos são descritos a seguir:

## Objetivos (Resultados esperados)

A) Crescer na campanha eleitoral de 2004 e procurar garantir que os Comitês

Municipais dirijam de fato as campanhas; B) Ampliar as finanças a partir de campanhas de massa e junto aos amigos do Partido; C) Vincular o trabalho da comunicação com a campanha eleitoral quebrando a dicotomia existente entre divulgação Partido e campanha; D) Contribuir e acompanhar a comunicação das campanhas eleitorais nos estados; E) Contribuir com a elaboração das plataformas dos candidatos comunistas nas eleições de 2004.

## Metas

1) Conquistar a prefeitura de até duas capitais, assegurar a reeleição em Olinda, conquistar uma série de indicações para vice-prefeitos em importantes capitais — Recife, Aracajú, Porto Alegre, entre outras. Concorrer com dezenas de candidaturas próprias, onde houver condições de aglutinar forças em torno de nossos candidatos. 2) Triplicar o número de vereadores eleitos em 2000, para o que centralmente construir coligações proporcionais, ao lado do lançamento de chapas próprias onde há efetivas garantias de alcançar coeficiente eleitoral. 3) Elaborar a plataforma das candidaturas comunistas, concentrando a política do Partido para o grande debate que se travará em toda a sociedade

**Projetos (válidos para a 1ª etapa: até dezembro 2004):**

Descrição: 1) Conferências de 2004 realizadas pelas bases, colocando os Comitês Municipais como dirigentes do processo eleitoral e as bases como núcleos amplos de campanha; 2) Filiações na campanha eleitoral (direcionadas); 3) Atividades dos CMs com o papel dirigente das campanhas e OBs como núcleo dos comitês eleitorais; 4) Campanha sobre contribuição do militante; 5) Campanhas de massa e junto aos amigos do Partido; 6) Orçamento (apresentação e aprovação); 7) Cadeia nacional de rádio e TV (integrada com ações regionais); 8) Núcleo de comunicação nacional (acompanhamento das campanhas eleitorais); 9) Pesquisa nacional de opinião pública sobre a imagem do PCdoB na sociedade (logo após a cadeia de rádio e TV); 10) Ativos (2004) regionais (para implementar as diretrizes nacionais fixadas no encontro de fevereiro, com a presença do Comunicação Nacional de Comunicação); 11) Seminários com pré-candidatos sobre a plataforma dos candidatos comunistas.

## PRINCÍPIOS 72

# Imperialismo versus soberania

Já está circulando a edição de número 72 da revista *Princípios*. A defesa do desenvolvimento e do emprego tem ponto alto nas entrevistas de Renato Rabelo, presidente do PCdoB, e Luiz Gonzaga Belluzzo. Haroldo Lima trata das perspectivas políticas de 2004; e a Zona Franca de



Cademartori), “Bolívia: lições da insurreição popular de outubro” (Marcos Domich) e “Uruguai: a vez do povo” (Marina Arismendi). Sérgio Barroso escreve sobre Lênin, nos 80 anos da morte do dirigente russo; Newton Duarte trata da crítica de Marx à naturalização do histórico.

Manaus é analisada por Vanessa Grazziotin. Outros temas: “A China e seus investimentos em infra-estrutura” (Elias Jabbour), “Fórum Social Mundial: unidade na luta e luta de idéias” (Ricardo Abreu), e “Sobre a situação na União Européia” (Pedro Guerreiro). Tem também “Mariátegui: sujeito revolucionário e movimento indígena” (Renan Raffo Muñoz), “O Tratado de Livre Comércio entre Chile e EUA” (José

Finalmente, Jô Moraes fala dos impasses do feminismo.

**CDM**  
 Editora Anita Garibaldi  
 R. Monsenhor Passalacqua, 158 – Bela Vista  
 CEP 01323-010 – São Paulo/SP  
 Telefone: (11) 3266-4312 – Endereço  
 eletrônico: [anitag@uol.com.br](mailto:anitag@uol.com.br)  
 Página: [www.anitagaribaldi.com.br](http://www.anitagaribaldi.com.br)

## GUERRILHA ARAGUAIA

# Ferida ainda aberta

*Ex-soldados que atuaram na repressão são entrevistados por Época e revelam onde quatro guerrilheiros foram enterrados*

A publicação, pela revista Época, de entrevista com quatro soldados que participaram da investida do Exército contra a guerrilha do Araguaia parece abrir uma nova página na história desta ferida que ainda não fechou. Eles indicaram o local onde quatro militantes foram enterrados na região (69 guerrilheiros e cerca de 17 camponeses foram mortos, segundo dados oficiais) e, no dia 5 de março, um grupo de especialistas começou o trabalho de localização das ossadas daqueles militantes.

“Com a indicação das ossadas, é a primeira vez que gente do Exército que participou da ocultação dos corpos colabora de forma concreta para ajudar a esclarecer o que aconteceu no Araguaia. O relato dos militares mostra que o Exército executou essas pessoas. Depois disso, eles não podem mais ousar dizer que houve um confronto”, afirmou Suzana

**É a primeira vez que militares que participaram da ocultação dos corpos colaboram para ajudar a esclarecer o que ocorreu no Araguaia**

Lisboa, representante dos familiares na Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos. Os especialistas estão rastreando o terreno onde funcionou a base militar do Exército e da Aeronáutica à procura das ossadas que poderiam ser Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão; Walquíria Afonso Costa, um camponês chamado Batista e um outro ainda não identificado.

Os procuradores da República, Felício Pontes, do Pará, e Adrian Pereira

Ziamba, do Tocantins, tomaram o depoimento do ex-soldado do Exército, Josian José Soares, que serviu no 52º BIS de Marabá participou dos combates com a Guerrilha do Araguaia em Xambioá em 1974. Josian contou que os soldados

sufriam maus tratos por parte de seus superiores e que presenciou atos de tortura contra



Os ex-militares com o ministro Nilmário Miranda (à direita)

civis. Um ex-militar, conhecido como Fonseca, também se apresentou voluntariamente como testemunha para ajudar no resgate de ossadas.

A área apontada pelos militares, em Xambioá (sul do Pará), foi isolada. Em nota oficial, o ministro Nilmário Miranda, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência disse que “a ação representa o esforço de possibilitar que as famílias reali-

zem o direito imemorial de enterrar seus mortos”. O governo criou, no ano passado, uma comissão interministerial para localizar as ossadas de integrantes da guerrilha do Araguaia. Essa nova comissão prometeu entregar, até o dia 4 de abril, documentos sobre a guerrilha.

Na entrevista à *Época*, quatro ex-soldados do Exército denunciaram atos de verdadeira selvageria cometidos por efetivos das Forças Armadas contra os combatentes da Guerrilha do Araguaia. Segundo eles, foram praticados contra os guerrilheiros e moradores da região crimes os mais diversos, desde a tortura à execução sumária de prisioneiros, inclusive a decapitação de cadáveres. Os corpos foram sepultados em cemitérios clandestinos ou lançados em ermos inóspitos.

Essas selvagerias descritas não são revelações inéditas. O fato novo é a narrativa crua e detalhada dessas atrocidades a partir de soldados lotados

numa base do Exército e da Aeronáutica montada em Xambioá, à época município de Goiás, hoje parte do Estado do Tocantins. Uma espécie de QG das Forças Armadas de combate à Guerrilha, e nela — acusam eles — ocorreram várias execuções sumárias de prisioneiros. Outros prisioneiros eram dali embarcados em helicópteros, que depois retornavam vazios. Eram executados em outro lugar.

## ENTREVISTA

# Atividade internacional intensa

*Avanços no movimento progressista*

FRANCYROSE DE ANDRADE ENTREVISTA JOSÉ REINALDO

**A Classe Operária:** Para que países foram as últimas viagens realizadas pela Secretaria de Relações Internacionais?

**José Reinaldo Carvalho:** Ainda não se completaram três meses deste ano de 2004 e já desenvolvemos uma intensa atividade internacional. O PCdoB participou com delegações qualificadas de eventos como o Encontro Anual dos Partidos Comunistas da Europa e América Latina, no Chile; o 4º Fórum Social Mundial, em Mumbai, Índia; o 3º Encontro Hemisférico de Luta contra a Alca, em Havana, Cuba; o 3º Fórum Social Pan-Amazônico, na Venezuela; o 6º Encontro Internacional sobre Globalização e Programa de Desenvolvimento, em Havana; a Reunião do Grupo de Trabalho do Fórum de São Paulo, no Brasil; a Festa de aniversário do Partido Comunista Paraguai; o seminário da revista *Correspondências Internacionais*, em Paris, França; e o 3º Congresso do Partido dos Comunistas Italianos.

**A Classe Operária:** Quais as principais questões que estiveram em debate nesses eventos?

**José Reinaldo Carvalho:** Esses encontros foram variadíssimos, e a gama de assuntos tratados foi a mais ampla possível. Por exemplo, o Encontro Anual dos Partidos Comunistas da Europa e América Latina serviu para atualizar as informações e para unificar as opiniões desses partidos acerca da atual conjuntura política mundial. Serviu também para discutirmos formas de cooperação e solidariedade entre os partidos comunistas da América Latina e da Europa. Já o 4º Fórum Social Mundial foi mais uma oportunidade de o movimento contrário à globalização capitalista se pronunciar com destaque sobre a luta pela paz. E evoluiu também no sentido de colocar em pauta a discussão sobre o socialismo e para abrir mais espaço para a atuação dos partidos comunistas,

ajudando a quebrar os preconceitos comuns naquele âmbito.

No Encontro de Santiago, nosso partido deu uma contribuição em que destacou a importância de os partidos comunistas se aproximarem dos movimentos sociais. Defendemos que os partidos comunistas atuem no movimento social usando sempre o método da linha de massas, da unidade, da convergência democrática com as demais forças.

No Encontro Hemisférico de Luta contra a Alca o movimento social do hemisfério americano e latino-americano se pronunciou de maneira contundente contra a Alca, considerando-a um projeto colonialista e anexionista do imperialismo norte-americano. Nossa delegação atuou no sentido de mostrar os perigos que a Alca representa para a América Latina e para nosso país, e reiterar a expectativa comunista de que o governo do presidente Lula não adira à Alca.

O Fórum Social Pan-Amazônico foi uma oportunidade para dar um grito de alerta contra as tentativas de o imperialismo norte-americano de colonizar a Amazônia, saqueá-la, subtraí-la da soberania estatal e nacional dos países amazônicos. Enquanto isso, no Encontro Internacional sobre Globalização e Programa de Desenvolvimento, procuramos ressaltar o fato de que os países e povos encontram uma nova forma de organizar a sociedade ou sucumbirão a uma grande crise que afeta toda a civilização, e que leva a humanidade à barbárie. De uma maneira geral, os encontros trataram desses temas. Já no Seminário da revista *Correspondências Internacionais*, tivemos oportunidade de fazer uma palestra sobre o Brasil, na qual demos informações sobre o novo quadro político brasileiro e seus grandes desafios. Por fim, participamos do Congresso

do Partido dos Comunistas Italianos, sobre o qual falo mais adiante.

**A Classe Operária:** Qual a importância que você vê nessa articulação internacional entre os partidos comunistas?

**José Reinaldo Carvalho:** Ela é fundamental para o futuro da luta pelo socialismo no mundo. Apesar das mudanças ocorridas no quadro internacional; apesar de uma desorganização temporária em vários partidos comunistas — fruto das derrotas sofridas pelo socialismo mundialmente, no Leste europeu, na URSS —; e apesar de ter havido muitos recuos na luta pelo socialismo, a luta continua viva porque o socialismo é a única opção civilizatória para a humanidade. Assim, a articulação internacional entre esses partidos é importante, cada um mirando nas experiências dos outros, a se ajudarem mutuamente a encontrar caminhos, métodos e formas para se fortalecer internamente em seus respectivos países. Mas esse esforço de articulação

dos partidos comunistas não deve repetir formas do passado. A situação mundial atual não comporta a criação artificial de formas de organização multilaterais. Então, nosso partido estimula o contato com os demais, participa de fóruns

bilaterais e multilaterais, mas acha que esse é o âmbito suficiente para as condições no mundo atual. Ao mesmo tempo achamos que as articulações dos partidos comunistas hoje não devem se limitar apenas aos partidos comunistas. É preciso encontrar formas amplas de fazer contatos com outras forças políticas que lutam também pelo socialismo sem ser comunistas.

**A Classe Operária:** Você poderia falar um pouco mais sobre o Congresso italiano?

**José Reinaldo Carvalho:** O PCdoB participou com grande alegria do Congresso do Partido dos Comunistas Italianos. Nós nos sentimos honrados pelo convite recebido; foi uma oportunidade para conhecermos mais de perto o quadro político italiano e a organização e esforços de unificação das forças da esquerda italiana. Destaco, nesse congresso, os seguintes aspectos: primeiro, o Congresso

do Partido dos Comunistas Italianos foi um ato político contra o governo da direita de Berlusconi; chamou a atenção para a tragédia que se abate sobre a Itália, que sofre seríssimos retrocessos na sua democracia, no seu sistema de justiça social e no seu sistema de relações internacionais. Como dizem os camaradas do Partido dos Comunistas Italianos, sob o governo de Berlusconi a Itália está vivendo sob uma espécie de novo regime naquilo que o termo regime tem de pior. Não é ainda o regime totalitário à moda antiga, mas um regime que tem evoluído no sentido de atingir as grandes conquistas da Constituição antifascista italiana, em que o próprio passado antifascista da Itália, de depois da libertação nacional em 1945, um grande retrocesso em relação às conquistas antifascistas que essa Itália democrática teve. Então, o primeiro aspecto desse congresso foi

essa denúncia contundente a esse quadro de desmonte da Itália democrática e social. Ligado a isso, o retrocesso havido nas relações internacionais. A Constituição italiana diz que o país não pode se envolver em aventuras

guerreiras, agredir outros países ou enviar tropas de intervenção para outras nações. Sob o governo de Berlusconi a Itália se transformou num país submisso ao imperialismo norte-americano, enviou tropas ao Iraque — que foram trucidadas, provocando cólera nacional. Mas, como disse o camarada Olivério Diliberto, o secretário-geral do partido, “nós não podemos nos limitar à dor e ao luto pelas vítimas na tragédia de Nassíria. Nós juntamos a nossa dor e ao nosso luto, a nossa raiva em relação ao governo de direita”. A alternativa que os camaradas italianos propõem é a formação de uma frente de centro-esquerda para derrotar o governo direitista de Berlusconi.

**A articulação internacional entre os partidos é importante para partilhar caminhos, métodos e formas de fortalecimento**

## TRABALHADORES

# Tecnologia e desemprego

*Redução do tempo necessário à produção pode levar a jornada menor*

UMBERTO MARTINS

Estudo recente de economistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) aponta a modernização tecnológica da economia brasileira entre 1990 e 2001 como a principal causa do forte aumento do desemprego no período. A automação teria cortado 10,8 milhões de postos de trabalho (8,98 milhões na agropecuária), ao passo que a abertura comercial promovida pelo neoliberalismo de Collor e FHC e as importações decorrentes teriam eliminado outros 1,54 milhão de empregos.

Nas economias modernas, o desemprego não pode ser contornado apenas através do crescimento econômico. Há uma explicação básica para isto: o desenvolvimento incessante da produtividade do trabalho, impulsionado pela própria evolução do sistema capitalista e pela concorrência entre as empresas. Como afirmou Karl Marx, na medida em que a ciência se transforma em força produtiva direta, substituindo trabalho vivo por trabalho morto, o tempo necessário à produção de mercadorias diminui — caindo vertiginosamente em certas circunstâncias históricas. Este processo, que toma corpo com as chamadas novas tecnologias, traduz a elevação da produtividade social do trabalho.

O avanço da produtividade revoluciona o que Marx chamou de “composição orgânica do capital”, dada pela proporção em que os investimentos dos capitalistas se repartem em “capital constante” (meios de produção como máquinas, instalações, matérias-primas e acessórios) e “capital variável” (gastos com salários ou contratação de força de trabalho). Há uma alta da composição orgânica do capital quando a proporção dos investimentos destinados à compra de “capital constante” cresce em relação ao montante relativo à aquisição de “capital variável”

**Não é a máquina que demite, mas o patrão, mesmo porque a relação de emprego não é uma relação entre a máquina e o homem**

ou, seja, às contratações. Deteriora-se, conseqüentemente, a relação entre investimento e emprego, exigindo-se um montante cada vez maior de investimentos para a geração de um posto de trabalho. Daí se deduz que a razão entre o crescimento do PIB (que depende sobretudo da taxa de investimentos) e a criação de novos postos de trabalho seja, ou tenda a ser, declinante ao longo da história.

Pode ocorrer, inclusive, que novas inversões capitalistas na expansão de suas unidades produtivas não gerem uma só nova contratação, ou mesmo que impliquem na redução de postos de trabalho existentes em determinada empresa ou ramo da economia, se tais investimentos estiverem restritos à modernização. Se forem destinados à robotização, por exemplo, com os robôs executando tarefas antes realizadas pelos humanos, a produção pode crescer (em volume e mesmo em valor, durante certo tempo) simultaneamente à diminuição do nível de emprego.

Isto é válido igualmente para um ramo ou setor da economia e mesmo para a produção social em seu conjunto, refletindo-se no desempenho do PIB de uma nação, por exemplo. Deste modo, no capitalismo, (em virtude da automação crescente e do declínio progressivo da relação entre investimento e emprego), pode ocorrer crescimento econômico sem crescimento do emprego. Aparentemente, algo neste sentido estaria em curso na economia estadunidense, onde houve um crescimento do PIB superior a 3% em 2003, enquanto a taxa de desemprego continua elevada e, pior, subiu.

A luta pela retomada do crescimento econômico sustentado no Brasil, contudo, é uma condição básica para abordar o problema do desemprego e descortinar um novo projeto de desenvolvimento nacional, soberano e socialmente mais justo. Combinado

com o crescimento, e tão ou mais importante que este, tornou-se indispensável na luta política a bandeira da redução substancial da jornada de trabalho sem redução de salários, a conquista do tempo livre.

A substituição de trabalho vivo por trabalho morto é uma constante no capitalismo (os efeitos indesejáveis da automação sobre o emprego podiam ser observados já na primeira revolução industrial na Inglaterra, estopim das grandes revoltas operárias ludistas, que destruíam as máquinas que “tiravam empregos”). Não fosse a expressiva redução da jornada de trabalho, resultante da luta de classes (nos tempos da revolução industrial, a jornada anual de trabalho esteve em torno de 4 mil horas e hoje é inferior a 2 mil horas nos países capitalistas mais avançados), o nível de desemprego seria muito mais elevado e dramático.

É errado o conceito de desemprego tecnológico subjacente à idéia de que a tecnologia é a causa da desocupação moderna. Atribuir o desemprego às novas tecnologias e ao avanço da produtividade do trabalho é incorrer naquilo que Marx classificou de “coisificação” da realidade (e da história) social, um processo de alienação em que o reflexo dos fatos aparece invertido, distorcido, alienado, na mente humana, e as relações entre os homens são substituídas pelas relações entre as coisas (objetos inanimados, sem vida).

A suposição de que a máquina produz desemprego traduz uma distorção desse gênero, uma “coisificação”. Não é a “coisa” chamada tecnologia, ou máquina, que

causa o desemprego. Não é a máquina que demite, que chama o peão, diz que seu trabalho, que até então era fonte de lucros para a empresa, ficou supérfluo, e que o destino do pobre coitado será o olho da rua. Quem faz isto é o patrão, o capitalista — mesmo porque a relação de emprego não é uma relação entre a máquina e o homem, mas uma relação entre o trabalhador que vende força de trabalho e o empresário que compra sua força de trabalho. Por trás das relações de emprego estão os homens, e as relações objetivas entre capital e trabalho não podem ser substituídas ou confundidas por imaginárias relações entre coisas.

Se o trabalhador tivesse direito à estabilidade no emprego, ele não poderia ser demitido quando a empresa adotasse uma nova tecnologia. O efeito da redução do tempo necessário à produção ou do avanço da produtividade promovido pela automação teria de ser abordado doutra forma, como a redução da jornada de trabalho. Assim, a economia de trabalho (e de tempo) propiciada pela tecnologia também beneficiaria o trabalhador, e não apenas o capitalista. Como ensinava Karl Marx, o desemprego é antes de tudo um fenômeno econômico e social típico, característico e inerente ao sistema capitalista de produção.

A apropriação privada e capitalista dos ganhos da produtividade do trabalho é a real causa do desemprego, embora a realidade seja obscurecida pelo pensamento dominante, que atribui essas mazelas ao desenvolvimento tecnológico e, assim, tenta difundir a idéia de que elas são “naturais” e inevitáveis.

O problema deve ser enfrentado com a luta — que já vem sendo travada pela Central Única dos Trabalhadores e pela Corrente Sindical Classista — pela redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários. Uma forma não só de gerar novos empregos, como também de distribuição efetiva de renda (outra necessidade histórica, e dramática, do nosso país). No médio e longo prazo, o avanço da produtividade favorece os interesses da classe trabalhadora.

## VIOLÊNCIA

# O assassinato de um ativista

*Ele denunciava fraudes e perseguições contra a oposição à atual diretoria do sindicato*

O assassinato do sindicalista José Roberto Vieira Brito, em 5 de março, reforça as suspeitas de atividades criminosas no Sindicato dos Condutores de São Paulo. Brito foi membro da chapa de oposição que concorreu às recentes eleições para a diretoria daquele sindicato e integrou a comissão que, em fevereiro, denunciou ao Ministério Público Federal um esquema de fraudes trabalhistas e perseguições contra os membros da oposição à atual diretoria do Sindicato, nas empresas de ônibus da cidade. Ele foi assassinado a tiros em frente à sua residência, no dia 2 de março.

Para o presidente nacional da CUT, Luiz Marinho, a situação é gravíssima e exige uma ação firme da justiça para desmontar o esquema de fraudes e para por fim ao clima de violência e às ameaças à integridade física que os sindicalistas e seus assessores — como

a advogada Kátia Fomide — tem sofrido. Marinho e uma comissão de sindicalistas da CUT se reuniram com o procurador-geral do Estado, Luiz Antonio Marrey, no dia 8 de março, para exigir a completa apuração do assassinato de Brito. “Não é mais possível compactuar com a bandidagem que tomou conta do setor”, disse o presidente da CUT.

No dia 7, outro sindicalista foi assassinado em São Paulo: Gildeson Cardoso de Santana, presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Osasco e Região. A Central Única dos Trabalhadores divulgou nota, assinada pelo presidente Luiz Marinho, declarando ser “inadmissível que nas lutas dos trabalhadores e na sociedade brasileira atitudes desta natureza aconteçam, tornando a vida dos seres humanos descartável” (com informações de Solange do Espírito Santo, da Agência CUT).

## INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

# Entre o sonho e o pesadelo

Mudança tecnológica no processo de produção significa, quase sempre, incorporação do conhecimento do trabalhador a uma máquina, que passa a fazer aquilo que o trabalhador fazia. Com uma grande vantagem para o empresário: elas não protestam, não fazem greve nem recebem salário. No rumo do sonho capitalista, como dizia Marx, da fábrica automatizada e sem trabalhadores humanos.

Mas a troca do trabalhador direto (trabalho vivo) por equipamento (trabalho morto) eleva a composição orgânica do capital (ver matéria nesta página), reduzindo a taxa de mais valia e a conseqüência é a tendência à queda na taxa de lucro.

A história recente da indústria farmacêutica é um excelente exemplo desse sonho, e também de seu pesadelo. Há cerca de dez anos, este setor, profundamente monopolizado, anunciou um novo e revolucionário modo de produzir remédios: a chamada “química combinatória”, que usa máquinas para criar infinitas combinações de elementos químicos básicos, produzir novas drogas e testá-las usando amostras de partes do corpo envolvidas em uma doença. A novidade causou uma certa euforia, nos grandes fabricantes de remédios e, diz um

### Muito dinheiro, pouco resultado

O investimento dos laboratórios foi grande, mas o remédios aprovados pelos FDA, nos EUA, foram poucos



Fontes: FDA; PhRMA

artigo publicado pelo *The Wall Street Journal*, praticamente toda grande empresa farmacêutica nos EUA e na Europa desmontou seus laboratórios e demitiu os químicos industriais, na expectativa de maiores lucros com o uso das máquinas.

Hoje, menos de dez anos depois, a opinião de químicos proeminentes e cientistas é praticamente unânime: aquela mudança foi um “fiasco dispendioso”, diz o jornal norte-americano pois a maioria das combinações feitas pelas máquinas não teve resultados úteis. No auge da nova tecnologia, o FDA (agência de vigilância sanitária do governo dos EUA) aprovou 53 novas drogas; em 2003, apenas 21 foram aprovadas (JCR).

## FORMAÇÃO

# Bem-vindo, camarada!

A campanha entra em nova e decisiva fase

AUGUSTO BUONICORE

Desde o 10º congresso, em 2002, o PCdoB foi reforçado com o ingresso de mais 50 mil novos camaradas e atingiu a cifra histórica de 160 mil filiados. A grande maioria ingressou devido ao prestígio político que adquiriu o PCdoB, mas desconhece a sua tática, o seu programa socialista e como ele se organiza. Isso é natural que ocorra num partido que vive uma fase de grande expansão.

O crescimento da defasagem entre o aumento de filiados e as deficiências de formação militante poderá trazer graves problemas ao Partido enquanto organização socialista de vanguarda. Além disso, sem organizar e formar estas milhares de filiações poderão não vingar, e muitos dos novos filiados podem acabar se afastando da militância.

O objetivo da campanha é recepcionar e

apresentar o PCdoB a todos os novos filiados. A campanha se desenvolverá até o mês de junho e pretende atingir a maioria dos novos filiados.

Para que a campanha seja vitoriosa é preciso que os comitês regionais e os principais comitês municipais concentrem maiores esforços em sua realização, incluindo os novos filiados nas organizações partidárias e dando a eles os elementos básicos de uma formação verdadeiramente comunista.

A proposta é realizar reuniões amplas, em que seja distribuída a edição especial de **A Classe Operária** sobre a campanha, exibido o vídeo da 9ª Conferência, ou o programa do Partido, e realizada uma palestra de 40 minutos e debate sobre o tema: o que é e o que quer o Partido Comunista do Brasil. E que o evento seja encerrado com uma atividade festiva de confraternização!

## ESCOLA NACIONAL

## Mais marxismo, mais Brasil

Em fevereiro, a reorganização da Escola Nacional do PCdoB deu mais um passo importante com a realização do primeiro encontro dos professores do Partido, evento ligado ao esforço de formar professores e monitores para a escola nacional nos seus diferentes níveis e iniciar a construção de seu currículo, cujo eixo será "mais marxismo e mais Brasil".

Mais de 90 camaradas participaram deste encontro, vindos de 22 estados. Nele foram constituídos os quatro

Núcleos de Ensino e Pesquisa da Escola Nacional – Filosofia, Economia Política e Desenvolvimento, Estado e Classes, Socialismo e Partido, formados pelos participantes do curso que, agora, vão se dedicar ao estudo sistemático do marxismo-leninismo e da realidade brasileira nos seus múltiplos aspectos.

A construção da escola exigirá um trabalho persistente dos dirigentes comunistas. Ela não será obra de apenas uma frente partidária, nem uma campanha com data marcada para iniciar e terminar, mas sim um esforço de formação permanente, que crescerá conforme aumentem as fileiras partidárias.



Na mesa, Augusto Buonicore, Ilka Bichara e Nereide Saviani

Para que estes objetivos sejam atingidos, todos os comitês estaduais precisam pautá-los em suas reuniões, elejam secretários(as) de formação e propaganda, formem comissões auxiliares e componham um corpo estável de professores para as sessões estaduais e regionais da escola. As sessões estaduais ficarão a cargo dos comitês estaduais, e as sessões regionais ficarão sob a responsabilidade do Comitê Central. As escolas regionais terão por objetivo formar e reciclar os professores e dirigentes de suas respectivas regiões, além de dar suporte para constituição de sessões nos estados com maiores dificuldades (AB).

## CONTRAPONTO

## O supermalabarista

A "dialética" de Zizek contrasta com o seu malabarismo ideológico de circo mambembe

A. SÉRGIO BARROSO

O espírito classista de frações intelectualizadas da burguesia brasileira passou a se inspirar em bichos coloridos: tucanos, camaleões... Para combater o marxismo revolucionário, o dito cujo mimetiza até um jegue alado (e decadente), forçando-o a alçar vôo a todo lugar que prometa o êxtase da sociabilidade mercantilizada. E o coitado jegue ainda tem que se danar a produzir idéias em profusão!

Similarmente à baldação do sociólogo alemão R. Kurz (*O colapso da modernização*, Paz e Terra, 1992), agora pontifica outra ao esloveno Slavoj Zizek. Kurz, que posando de crítico radical do capitalismo, é furiosamente anti-Estado, antipartido, anti-sindicato, e anticomunista, mente descaradamente quando diz que em toda obra de Lênin, "não há nenhum indício" da teoria marxista do valor, e do fetiche da mercadoria (p. 49 e notas) – o que está nítido já no Lênin de "O desenvolvimento do capitalismo na Rússia" (1899). Kurz, que fracassou completamente quando profetizou o iminente fracasso econômico da China, bem como "catástrofes sócio-econômicas" nesse país (pp. 153-4), foi assalariado como "articulista" da *Folha de S. Paulo*. Diz-se que só por aqui seu livro rendeu-lhe alguns trocados.

Pois bem. Carimbado com o espalhafatoso título de "O superintelectual" (FSP Mais!, 30/11/2003), filósofo e psicanalista, Zizek foi festejado pelo jornal no lançamento de "Bem-vindo ao deserto do real!" (Boitempo, 2003). São escritos de um socialdemocrata metido a sofisticado, que considera Stalin um clone de Hitler – zero de novidade à direita. Nele, baseando-se em supostos do idealismo filosófico disfarçado de dialética, Zizek empurra a tudo e a todos para o seu divã: na Tchecoslováquia dos 1970-80 – teoriza ele – "existia o Outro (o partido) para receber a culpa de tudo que estivesse errado", e "onde ninguém se sentia verdadeiramente responsável" (p.77-8). Ora, isso é uma simplificação grosseira: a história e a consciência do povo tcheco são padronizadas numa multidão de oligofrênicos.



Longe de original, é tosca a correlação entre psicanálise e cultura tentada por Zizek, frente ao "Futuro de uma ilusão" (1927), e especialmente a "Mal-estar na civilização" (1929-30), do velho mestre de Viena, Sigmund Freud. Aliás, confuso e forçando demais a barra, Zizek – tomando a idéia conclusiva de Freud que o perigo e o desamparo geram a angústia da civilização moderna –, inventa

que a guerra de Bush contra o terrorismo tem como "verdadeiro objetivo nos acalmar", mas que isto seria falso (p. 51).

De modo parecido, suas críticas ecléticas aos EUA (11 de setembro, consumismo, etc.), nem de longe se comparam, por exemplo, à clareza de Jurandir F. Costa, psicanalista brasileiro. Freire, identificando a decadência capitalista de conjunto, diz que "As matanças em massa que assistimos exprimem a fúria de um mundo agonizante. Essa monstruosidade social define... em uma espécie de canibalismo genocida" (FSP, 1/4/2003). Pretensioso (e amedrontado), Zizek diz que, após o 11 de setembro, "o que nos espera... é uma guerra imaterial... invisível – vírus, venenos que podem estar em qualquer lugar ou em lugar nenhum". (p. 53).

Mas não que motiva mesmo o esloveno – a ideologia –, Zizek, insinuando precaução às burrices de Kurz, num outro texto já tinha ensaiado um "retorno a Lênin"; condicionado entretanto à idéia de partido do revolucionário russo como transposta para uma "organização coletiva" não fixa, não "uma instituição", uma "Igreja estabelecida", ou um "Partido-Estado stalinista" (p. 181 [2001]). Noutro lugar ("O real da ilusão cristã: notas sobre Lacan e a religião", Unesp, 2003), dissera que Lênin "permaneceu fiel ao 'real da ilusão' (comunista)", à "utopia de seu potencial emancipatório". Ou seja, Lênin além de professar idéias como que caritativas da política, morreu como um reles utopista. Bobagens: "em outubro-novembro de 1917 a metade das forças armadas era bolchevique. Se não fosse assim, não poderíamos ter vencido ("As eleições para a Assembléia Nacional Constituinte e ditadura do proletariado", Lênin, 1919).

Não à toa Zizek tenta desmoralizar a revolução cubana, falsificando a interpretação de sua realidade. Imaginando-se sutil para confundir o leitor, envia no texto uma frase sobre o desafio heróico daquele país em relação à lógica capitalista "do desperdício e da obsolescência planejada"; para concluir quer, na ilha, "a mobilização revolucionária oculta a estagnação social"; lá haveria uma espécie de "tempo messiânico negativo"; onde, como que anestesiados, seu povo, "todos esperam o Milagre": "o que acontecerá quando Castro morrer?" (pp. 20-21).

Estagnado é seu pensamento, Sr. Zizek, cuja "dialética" contrasta com o seu malabarismo ideológico de circo mambembe. Cuidado com o tombo!

## BOLETO DE ASSINATURA

R\$ 20,00  
12 edições

JORNAL

**A Classe Operária**

Órgão central do Partido Comunista do Brasil - Fundado em 1º/MAIO/1925

**PCdoB**  
Proletários de todos os países, uni-vos!

## FORMAS DE PAGAMENTO

- Cheque nominal  
 Dinheiro  
 Cartão de crédito  C  D  V  A  
 Nº.: \_\_\_\_\_  
 Validade: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (MÊS/ANO)  
 Vale postal nº. \_\_\_\_\_  
 Depósito em conta corrente  
 Banco Itaú Ag. 0251 C/C 48676-7

Enviar comprovante de pagamento por fax ou e-mail

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Tel. res.: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

com.: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

Data de nasc.: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Ed. final nº: \_\_\_\_\_

Ed. inicial nº: \_\_\_\_\_

EMPRESA JORNALÍSTICA A CLASSE OPERÁRIA: End.: Al. Sarutaiá, 185, Jd. Paulista, São Paulo, SP, Brasil – CEP 01408-010  
 Tel/Fax.: (11) 3054-1829 - End. eletrônico: www.vermelho.org.br/classe Correio eletrônico: assinatura@pcdob.org.br

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Omissões norte-americanas

Relatório do governo da China denuncia problemas de longa duração nos EUA

O governo norte-americano quer ser a “polícia mundial dos direitos humanos” mas esconde as violações em seu país e as que suas tropas espalhadas pelo mundo afora, denuncia o Relatório sobre Direitos Humanos nos Estados Unidos em 2003. Publicado pelo governo chinês em 1º de março, divulgado pela agência Xinhua, a iniciativa é uma resposta ao relatório norte-americano de 25 de fevereiro, e que omite, diz o relatório do Escritório de Informação (subordinado ao Conselho de Estado, o Poder Executivo) da China, “suas próprias práticas nocivas e os problemas de longa duração que possuem no que toca a direitos humanos”. E agrega: Por isto temos que “ajudar esse país a realizar seu registro quanto aos direitos humanos”.

Esta é a quinta edição do relatório, que enfoca seis aspectos: vida, liberdade e segurança, direitos políticos e liberdade, condições de existência dos trabalhadores norte-americanos, discriminação racial, tratamento das mulheres, crianças e anciãos, e a violação de direitos humanos em outras nações.

A sociedade norte-americana é infestada por crimes violentos e graves violações dos direitos humanos. Em 2002, foram cometidos um total de 11,9 milhões de assassinatos, estupros, assaltos e roubos; o país é campeão

em várias modalidades: em número de assassinatos; em número de armas em poder de particulares, aumentando as condições para a violência; o narcotráfico prolifera; existem 21.500 máfias, com cerca de 731 mil membros.

A pobreza também é grande, no país mais rico do mundo, cujo governo não assinou o Convênio Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais da ONU. Sua indiferença em relação a esses direitos gera problemas graves, como pobreza, fome e mais de 3 milhões de sem-teto.

Outro problema é o racismo, ainda muito forte nos EUA, onde — diz a ONU — os negros e pessoas de cor são condenados, pelo mesmo tipo de crimes, a penas duas ou três vezes mais severas do que os brancos.

O racismo também se manifesta nas estatísticas de emprego. Em 2003,

a desocupação entre os brancos foi de 5,2%. A dos negros foi o dobro: 10,2%. Entre os negros, em 2002, a taxa de pobreza foi de 24,1%, e a renda média anual das famílias de classe média de cor foi 40% menor que a das famílias de classe média brancas.

É precária também a proteção dos direitos humanos de mulheres, crianças, velhos e outros grupos sociais em desvantagem social. O número de mulheres com renda abaixo do

**O governo dos EUA usa um critério duplo e hegemônico sobre direitos humanos que despreza diferenças políticas, econômicas, históricas, culturais e do desenvolvimento social**

## ISRAEL



Muro da discórdia: opressão sionista contra palestinos

## Muro ilegal

Justiça de Israel manda parar a construção do muro

O Comitê Popular contra o Muro, formado por palestinos e israelenses, conseguiu uma pequena mas significativa vitória no final de fevereiro, contra a insânia do governo direitista de Ariel Sharon. A Suprema Corte de Israel mandou o governo suspender por uma semana a construção do muro na Cisjordânia. A Corte quer examinar a rota planejada para passar em oito vilas palestinas perto de Jerusalém.

Segundo denúncia do Comitê, o muro vai aprisionar, naquelas vilas, 30 mil palestinos, que ficariam sem contato com Jerusalém e com a cidade palestina de Ramallah. O trecho em questão, de 46 quilô-

metros, irá passar pelas cidades de Bidou e Beit Surik.

No dia 26 de fevereiro, dois palestinos foram mortos por soldados israelenses durante um protesto contra a construção do muro, em Bidou. Foram as primeiras mortes em protestos contra o muro desde o início de sua construção, em 2003. Os palestinos acusam Israel de construir o muro para invadir suas terras e reforçar a ocupação.

A legalidade da construção do muro é contestada também em outros meios. Na última semana de fevereiro, ela foi avaliada pela Corte Internacional de Justiça, em Haia, num julgamento que o governo de Ariel Sharon boicotou (JCR).



Prisão nos EUA: em 2002, 11,9 milhões de assassinatos, estupros, assaltos e roubos

salário mínimo oficial é duas vezes superior ao de homens.

O país é um dos dois únicos no mundo que não ratificaram a Convenção sobre Direitos das Crianças, da ONU, e lá é onde ocorre o maior número de condenações de menores à pena de morte.

As denúncias chinesas também envolvem violações cometidas por tropas norte-americanas no exterior. O orçamento militar do país, de 400,5 bilhões de dólares, é maior do que a soma de todos os orçamentos militares dos demais países do mundo, e desde a década de 1990, o governo norte-americano usou a força 40 vezes contra

outros países. Os EUA mantêm 364 mil soldados, em 130 países e regiões do mundo, que frequentemente violam os direitos humanos das populações locais.

Os relatórios norte-americanos sobre a prática de direitos humanos em outros países faz caso omissivo — diz o relatório chinês — das diferenças políticas, econômicas, históricas, culturais e do desenvolvimento social e partem, acusa, “de sua própria ideologia, valores e modelos de direitos humanos”, mas fecham os olhos para seus próprios problemas, evidenciando “um duplo critério hegemônico no que se refere a direitos humanos”.

## MEMÓRIA

## Paul Sweezy (1910-2004)

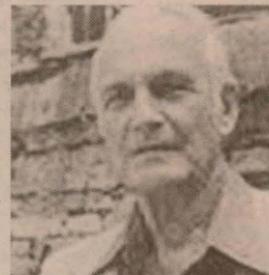
Deixa de viver o criador da Monthly Review

Um dos mais influentes economistas marxistas do século, o norte-americano Paul Sweezy, encerrou sua longa existência de 93 anos em 27 de fevereiro de 2004, em Larchmont, Nova York. Ele veio de uma família rica — era filho do então vice-presidente do First National Bank of New York, Sweezy — e desenvolveu seu pensamento marxista, à margem de qualquer organização comunista, como resposta à Grande Depressão da década de 1930. Foi aluno, na universidade de Harvard, do famoso economista conservador Joseph Schumpeter. Em 1949, junto com um grupo de amigos marxistas e radicais, fundou a influente revista dos marxistas norte-americanos *The Monthly Review*, ainda publicada em Nova Iorque; na década de 1970, a revista chegou ao pico de 12.000 exemplares mensais; hoje, mantém-se em torno de 7.000. Seu primeiro número, em 1949, que Albert

Einstein publicou o artigo intitulado “Porque o socialismo?”; além dele, a revista teve a colaboração de importantes membros da esquerda, como W. E. B. Du Bois, Jean-Paul Sartre, Che Guevara e Joan Robinson. Criada no início da Guerra Fria, e no tempo do macartismo,

a revista foi um instrumento para a luta pela democracia e pelo socialismo nos EUA.

Naqueles anos, Sweezy enfrentou a direita ascendente e chegou a ser preso. Estudioso dos problemas do desenvolvimento do capitalismo, Sweezy deixou uma obra extensa, cujos principais títulos são *A teoria do desenvolvimento capitalista* (1942); *Cuba, anatomia de uma revolução* (com Leo Huberman, 1960); *Capital Monopolista* (com Paul Baran, 1966); *A dinâmica do capitalismo norte-americano* (com Harry Magdoff, 1972); *A transição do feudalismo ao capitalismo* (1976); *A crise irreversível* (com H. Magdoff, 1989).



Paul Sweezy, economista

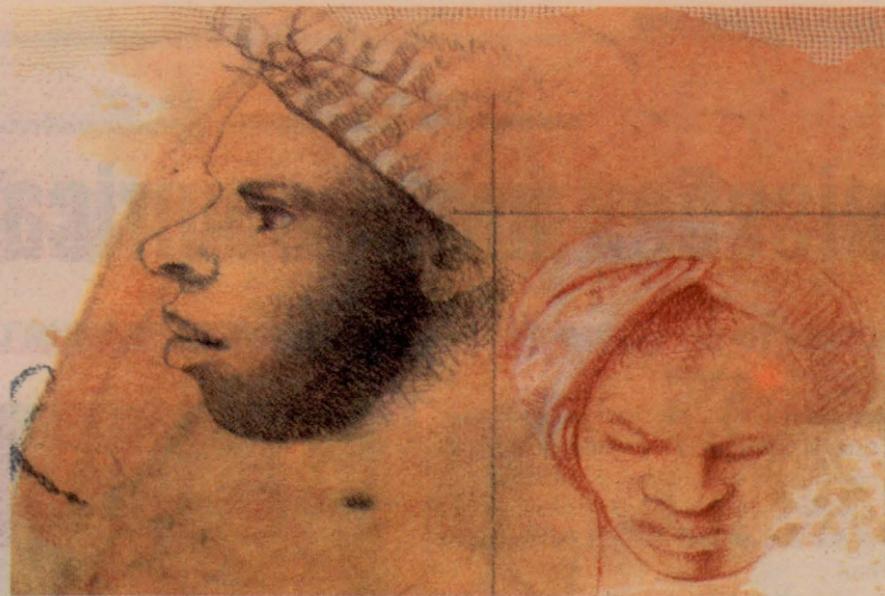
CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

**A** luta das mulheres pela igualdade, que foi uma marca importante das lutas sociais ao longo do século XX, intensificou-se nos últimos anos mas, mesmo assim, ainda falta muito para que se conclua esta que já foi apelidada de “a revolução mais longa”. Mesmo porque, nestes anos de predomínio neoliberal, muitas conquistas foram perdidas, principalmente em itens como renda e condições de trabalho, como registra o ensaio *Gênero e pobreza no Brasil*, de Hildete Pereira de Melo, professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense. É um extenso estudo feito a partir dos dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) para o ano de 2001; elaborado sob os auspícios da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, em convênio com a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), foi publicado em janeiro de 2004.

Uma indicação do agravamento dos problemas vividos pelas mulheres na década de 1990 é dada pela evolução do PIB per capita feminino. Naquela década, o país teve crescimento muito baixo, inferior à sua média histórica — entre 1991 e 2001, a média anual de aumento do PIB foi de 2,7%. No período, o PIB per capita passou para US\$ 2.574 e, em 2000, para US\$ 2.916. A participação das mulheres no mercado de trabalho cresceu, passando de 32,5% em 1991 para 40% em 2000. Naqueles anos, o PIB per capita feminino passou de US\$ 1.362 para US\$ 1.731, em 2000, crescendo mais do que o PIB per capita masculino: aumentou 27%, contra apenas 8,69% do masculino. Mas, mesmo tendo melhorado, os rendimentos femininos continuam inferiores aos masculinos, indicando que “as mulheres continuam sendo mais pobres que os homens”, diz o estudo.

O estudo também constata um forte crescimento da taxa de atividade feminina, entre 1920 e 2000: entre 1920 e 1960, ela era de 20% das mulheres em idade de trabalhar; entre 1960 e 2000, passou para 40% — isto é, dobrou. “Este crescimento da taxa de atividade feminina deve ser interpretado como resultante da queda da fecundidade, da expansão da escolaridade, aumento do número de famílias chefiadas por mulheres e mudanças nos valores relativos ao papel social feminino, nesta década, cada vez mais voltado ao trabalho fora de casa.” Mas o aumento da presença das mulheres no mercado de trabalho “não superou os obstáculos de acesso a cargos de chefia e diferenças salariais; estes, embora tenham diminuído nos anos 1990, ainda permanecem e simplesmente significam que as mulheres aceitaram postos de trabalhos miseráveis, para sobreviver com sua família, já que as taxas de desemprego feminino são significativamente maiores do que da população masculina.”

As trabalhadoras brasileiras estão concentradas no setor serviço; 80% delas são professoras, profissionais de saúde, comerciárias, cabeleireiras, manicures, funcionárias públicas — mas a imensa maioria são domésticas, “primeira ocupação das mulheres brasileiras”; cerca de 56% das domésticas são negras, e recebem os menores rendimentos da sociedade. O estudo constata “uma concentração da atividade feminina nos segmentos menos



MULHER

## O rosto feminino da pobreza

*Estudo mostra o agravamento dos problemas femininos na década de 1990*

JOSÉ CARLOS RUY

organizados da economia, com maior recorrência de contratos informais e menor presença sindical”.

Apesar disso, há estudos que mostram uma discreta melhora “na distribuição de renda das mulheres ocupadas e que diminuiu a desigualdade entre as mulheres”. O

índice de Gini, que mede a concentração de renda, mostrou uma leve desconcentração que, para as mulheres, passou de 0,540 para 0,532 no período estudado, enquanto que para a população total onde houve um aumento na concentração, que aumentou de 0,549 para 0,554.

LUTA POPULAR

## A nota da UBM sobre o Dia Internacional da Mulher

**L**embrando as operárias têxteis de Nova Iorque assassinadas durante uma greve por melhores condições de trabalho; as mulheres russas que lutavam por paz, pão e terra em 1917; as mulheres que no Brasil e no mundo lutam pela vida, que a União Brasileira de Mulheres comemorou o Dia Internacional da Mulher neste 8 de março com o documento “Superando as desigualdades, lutando por um Brasil Cidadão!”. Nele, lembra que, no Brasil, mais de 30% das famílias são chefiadas por mulheres, mas elas têm rendimentos que correspondem a cerca de 65% do valor dos salários dos homens; que a violência contra a mulher ainda é uma realidade vergonho-

sa, e que a cada quatro minutos, uma mulher é vítima de algum tipo de agressão. Que a situação das mulheres negras no Brasil é ainda mais grave: elas recebem em média salários e rendimentos com a metade do valor recebido pelas brancas.

“Nós mulheres brasileiras, guerreiras da luta cotidiana, construtoras de nossa história”, diz o documento, “rompendo as cadeias da dominação e o peso secular da opressão social, política, econômica, cultural e familiar, conquistamos novos espaços. Ampliamos nossa participação no mercado de trabalho, nos espaços de poder e nos movimentos sociais, sindicais e populares e mudamos nosso papel na família.”

A organização familiar registra uma piora na situação das mulheres. Se, por um lado, o tamanho das famílias diminuiu, por outro lado cresceu a proporção das famílias chefiadas por mulheres. Em 2000, existiam 44,8 milhões de domicílios no país; 11 milhões eram chefiados por mulheres — isto é, um em cada 4; a quase totalidade deles (91%) estão localizados nas cidades, principalmente nas regiões Nordeste e Sudeste. Um terço destas mulheres chefes de família são maiores de 60 anos; isto é, são viúvas; na faixa etária de 30 a 50 anos, são mulheres separadas ou divorciadas. “No entanto, há um número expressivo de lares comandados por mulheres jovens, mães solteiras, principalmente nas periferias das grandes cidades; estas mulheres são a principal clientela dos programas de combate à pobreza”. Outro estudo, divulgado pelo Dieese, confirma essa situação mostrando que a maioria das mulheres chefes de família tem mais de 40 anos de idade; em São Paulo, elas tem renda familiar média de R\$ 1.024,00 — o que significa uma renda per capita de R\$ 379,00. Entre as mais velhas, a maioria está fora do mercado de trabalho, seu nível de instrução é o fundamental incompleto e, quando ocupadas, ou são empregadas domésticas, ou não tem registro em carteira.

É uma situação que reforça a pobreza. Os dados mostram que o rendimento médio das mulheres correspondia a 70% do rendimento masculino. Considerando a renda das famílias brasileiras em 2001, a média do rendimento dos homens chefes de família era de R\$ 1.093,31; a média das mulheres era sensivelmente inferior: R\$ 727,63. Nas famílias pobres, a média masculina era de R\$ 289,17, e a feminina era de R\$ 221,65; nas famílias indigentes, a média masculina era de R\$ 148,46 e a feminina, R\$ 112,48.

Em 2001, existiam cerca de 50 milhões de famílias no Brasil, com uma média de 3,34 pessoas, número que indica a queda na taxa de fecundidade da população brasileira: em 1980, as famílias brasileiras tinham em média 4,5 pessoas.

Outro dado importante do estudo é a proporção de pessoas que vivem em situação de miséria e de pobreza no país. Em 2001, existiam 7,4 milhões de famílias pobres (15% do total) e 4,1 milhões de famílias indigentes (8%). Isto é, 23% da população vivia em pobreza ou indigência.

O estudo é taxativo a respeito das diferenças que constatou: “é pura discriminação e não é devido ao pior desempenho das mulheres na produção”. Ele fala em um “rosto feminino da pobreza”, cujos traços foram “pintados com a dissolução dos laços familiares que provocou um aumento relativo das famílias cujas pessoas de referência são mulheres”. Uma situação ainda mais dramática quando se leva em conta que, nas famílias pobres e indigentes, cresceu a proporção daquelas chefiadas por mulheres, que ficam responsáveis pelos filhos; em 2000, haviam 1,8 milhões de crianças vivendo em famílias, uma “sobrecarga para as mulheres, sobretudo as pobres que vêm seus companheiros mudarem de casa como trocam de roupa, sem nenhuma responsabilidade com os filhos gerados”.

IMPRESSO

